

**LORENA ADAMI DA CRUZ**

**INTRODUÇÃO AO VOCABULÁRIO  
DA LÍNGUA OFAYÉ: UMA AMOSTRA  
DE SUBSTANTIVOS**

**TRÊS LAGOAS - MS  
2011**

**LORENA ADAMI DA CRUZ**

**INTRODUÇÃO AO VOCABULÁRIO  
DA LÍNGUA OFAYÉ: UMA AMOSTRA  
DE SUBSTANTIVOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (Área de Concentração: Estudos Linguísticos) do Câmpus de Três Lagoas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vitória Regina Spanghero  
Ferreira

**TRÊS LAGOAS – MS  
2011**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CÂMPUS DE TRÊS LAGOAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* – MESTRADO EM  
LETRAS**

**TERMO DE APROVAÇÃO**

**BANCA EXAMINADORA**

---

Presidente e Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vitória Regina Spanghero  
UFMS/CPTL

---

Prof. Dr. Rogério Vicente Ferreira  
UFMS/CPTL

---

Prof. Dr. Ludoviko C. dos Santos  
UEL

## **DEDICATÓRIA**

Ao meu pai Osvaldo, minha mãe Rosangela e meu irmão  
Luan.

## AGRADECIMENTOS

O Deus, que cuida de mim!

Aos meus amores, meus pais, mandados por Deus, que deixaram por muito tempo suas vidas para viverem a minha. Meus anjos!

Ao meu irmão, pessoa especial na minha vida, a metade de mim, a herança mais preciosa de meus pais.

À Ruth Silva, amiga da minha mãe e, hoje, minha amiga. Professora de português e inglês, que me conhece desde pequenina. Motivou-me, orientou-me e vibrou comigo desde meus primeiros passos nos estudos. Sempre confiou em minha capacidade e repartiu comigo um tesouro: seus livros. Obrigada, Ruth, por tudo que fez por mim e aqui não escrevi.

Ao sorridente e belo Anilton, que, desde a graduação, sabia que o mestrado era o que eu queria e, sem ser meu namorado, já estava ao meu lado.

À Dr.<sup>a</sup> Vitória Regina Spanghero, que, por suas exigências, por sua paciência e competente orientação, conduziu-me nos momentos mais turbulentos, quando mais aprendi.

A todos os professores do Mestrado em Letras da UFMS, câmpus Três Lagoas, em especial à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Celina Aparecida Garcia de Souza Nascimento, que me iniciou na pesquisa na graduação e sempre torceu por mim, e ao Prof. Dr. Rogério Vicente Ferreira, por quem cultivo um grande respeito, pelo apoio, auxílio e conversas. Ao Prof. Dr. Edson Rosa Francisco de Sousa pelas sugestões oferecidas no Exame de Qualificação.

Aos funcionários da secretaria de graduação, da pós-graduação, da biblioteca, da UFMS/CPTL, que sempre me trataram com carinho, respeito e atenção. Alguns, pelas conversas e risadas que me distraíam e me faziam sentir-me em casa.

Ao senhor Armando, pessoa incrivelmente compreensiva durante os meus estudos, nunca deixou que o emprego fosse um problema e que eu desanimasse e abandonasse o Mestrado, nem mesmo o trabalho. Agradeço sempre!

Aos meus colegas de trabalho, os professores da Escola Municipal Gildo Pereira, de Nova Independência, que me recepcionaram de modo muito amigável, uma vez que esta escola é a primeira em que leciono. Agradeço, especialmente, aos professores que sempre colaboraram e me incentivaram para a conclusão do Mestrado.

Ao Dr. Marcelo, por ter-me ajudado a enxergar tudo com mais calma e cautela. À Noeli, que, com sua sabedoria e carinho, só acrescenta em minha vida.

À Dona Nice, que, sem saber, ajuda-me com a mais simples forma: a de cuidar.

Ao Senhor Adevaldo, gerente do SENAI de Três Lagoas-MS, pela compreensão e incentivo aos estudos.

À minha querida amiga Camila, companheira de república e ouvinte voluntária dos caminhos da minha dissertação, que, mesmo de longe, está acompanhando o final desta jornada.

À Juliana Trannin, valiosa amiga para todas as horas e risadas, e à Gislaine, amiga prestativa. Poucas, mas amigas que apareceram, involuntariamente e de coisa nenhuma. Amizade mesmo!

A CAPES, pela bolsa concedida.

Ao povo ofayé, em especial à Margarida, pela paciência ao nos ajudar a compreender sua língua.

CRUZ, Lorena Adami da. *Introdução ao vocabulário da língua Ofayé: uma amostra de substantivos*. Três Lagoas: Câmpus de Três Lagoas, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2010. 91f. (Dissertação de Mestrado).

Este trabalho consiste em um estudo introdutório do léxico da língua ofayé, da família linguística macro-jê, cujo objetivo específico é agrupar substantivos ofayé com o intuito de trabalhar concepções sobre vocabulário, dicionário e glossário, campo semântico, dicionário bilíngue, neologismo e onomatopéia, sendo que todos esses conceitos são objetos teóricos do trabalho aplicado em dados ofayé. Partimos da perspectiva segundo a qual o léxico abriga as representações coletivas do real e as concepções de um povo (BIDERMAN, 2001) e esse povo é o sujeito ativo no processo de transformação no sistema linguístico, seja na emergência de novos itens lexicais, seja na transformação de outros, promovendo o enriquecimento do léxico. Para cumprir os objetivos propostos e na esteira dos estudos lexicográficos e lexicológicos, utilizamos como base teórica, Zgusta (1971), para tratar do léxico; Biderman (2001), para discutir sobre campos semânticos e neologismo, Dapena (2002), para abordar a diferença entre lexicografia e semântica, lexicografia e gramática; Welker (2004), por sua teoria sobre dicionários bilíngues e pela definição de lexicologia e lexicografia; e Alves (2007) para discorrer sobre neologismo. A pesquisa de Oliveira (2006) ofereceu suporte para as considerações de ordem morfológica e sintática do ofayé, bem como uma lista de palavras, usadas para a organização do vocabulário de substantivos aqui proposto. A dissertação está organizada em seis capítulos. No primeiro, discorremos sobre as línguas indígenas em geral, focalizando o risco de extinção a que muitas estão sujeitas, inclusive o ofayé, e sobre o povo e sua cultura. No segundo, são apresentadas concepções básicas de léxico e língua, no terceiro, distintos conceitos e princípios pertinentes à obra lexicográfica, a saber: lexicologia e semântica, lexicografia e gramática, macroestrutura e microestrutura. Alguns aspectos fonológicos e morfológicos da gramática ofayé são apresentados no quarto capítulo. Precedido por informações sobre a língua no que se referente ao campo semântico, neologismo e onomatopéia e em seguida, o vocabulário ofayé-português constituem o quinto e último capítulo deste trabalho.

Palavras-chave: Lexicologia; Língua Indígena; Ofayé.

## ***ABSTRACT***

*Considerations Ofayé language nouns.* Três Lagoas: Câmpus de Três Lagoas, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2010. 91f. (Master thesis).

This work consists of an introductory study of the lexicon of the language ofayé, the macro-Ge linguistic family, whose specific objective is to group nouns ofayé in order to work on vocabulary concepts, glossary and dictionary, semantic field, bilingual dictionary, neologism and onomatopoeia, and all these concepts are theoretical objects of applied work on data ofayé. We adopt the view that the lexicon is home to the collective representations of reality and notions of a people (Biderman, 2001) and this people is the active subject in the transformation process in the linguistic system, is the emergence of new lexical items, whether in transformation of others, promoting the enrichment of the lexicon. To meet the objectives proposed in the wake of studies and lexicographical and lexicological, used as a theoretical basis, Zgusta (1971), to treat the lexicon; Biderman (2001), to discuss and semantic neologism, Dapena (2002), to address the difference between semantics and lexicography, grammar and lexicography, Welker (2004), for his theory of bilingual dictionaries and the definition of lexicology and lexicography, and Ahmed (2007) to discuss neologism. The research of Oliver (2006) provided support to the considerations of morphological and syntactic ofayé as well as a list of words used to organize the vocabulary of nouns proposed here. It is organized into six chapters. At first, we consider the indigenous languages in general, focusing on the risk of extinction in many subject, including ofayé, and on the people and their culture. In the second, the concepts presented are basic vocabulary and language in the third, different concepts and principles relevant to the lexicographic work, namely: lexicology and semantics, lexicography, grammar, macrostructure and microstructure. Some aspects of phonological and morphological grammar ofayé are presented in the fourth chapter. Preceded by information about language as referring to semantic field, neologisms, and onomatopoeia and then ofayé-Portuguese vocabulary are the fifth and final chapter of this work.

Keywords: Lexicology; indigenous language; Ofayé.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO 1 – OBJETIVO, JUSTIFICATIVA, METODOLOGIA TEÓRICA E DE CAMPO.....</b>	<b>12</b>
1.1 Objetivo.....	12
1.2 Justificativa.....	13
1.3 Metodologia teórica.....	13
1.4 Trabalho de campo.....	15
<b>CAPÍTULO 2 - O POVO E A LÍNGUA OFAYÉ.....</b>	<b>16</b>
2.1 Sobre as línguas indígenas.....	16
2.2 A língua ofayé.....	21
2.2.1 Línguas em extinção.....	22
2.3 O povo Ofayé.....	26
2.3.1 Histórico do povo contado por um ofayé.....	30
2.4 Mitos ofayé.....	32
2.4.1 Povoamento do mundo.....	32
2.4.2 A Origem do mel.....	33
2.4.3 O Tatu parente.....	34
<b>CAPÍTULO 3 – A LÍNGUA E O LÉXICO.....</b>	<b>35</b>
3.1 A Língua.....	35
3.2 O Léxico.....	36
<b>CAPÍTULO 4 - ALGUNS CONCEITOS E PRINCÍPIOS PARA A OBRA LEXICOGRÁFICA.....</b>	<b>41</b>
4.1 Lexicologia e Lexicografia.....	41
4.2 Lexicografia e Semântica.....	45
4.3 Lexicografia e Gramática.....	46
4.4 A macroestrutura.....	47

4.4.1 Sobre as entradas .....	47
4.5 A microestrutura.....	50
4.5.1 Cabeça de verbete.....	50

## **CAPÍTULO 5 – ALGUNS CONCEITOS MORFOLÓGICOS DA LÍNGUA**

<b>OFAYÉ.....</b>	<b>52</b>
5.1 Segmentos consonantais.....	52
5.2 Aspectos morfológicos.....	53
5.2.1 A classe nome em ofayé.....	53
5.2.1.2 Nomes inalienáveis possuíveis.....	55
5.2.1.3 Nomes alienavelmente possuíveis.....	56
5.2.1.4 Nomes não possuíveis.....	57
5.3 Número.....	57
5.4 Gênero.....	58
5.5 A ordem das palavras na relação de posse e em construção genitiva.....	58
5.5.1 Processo de formação de palavras.....	59
5.5.2 Composição.....	59
5.5.2.1 Nome + Nome.....	59
5.5.2.2 Objeto + verbo.....	60

## **CAPÍTULO 6 – CONSIDERAÇÕES LEXICOLÓGICAS E LEXICOGRÁFICAS.....61**

6.1 Dicionário bilíngue.....	62
6.2 Campo Semântico.....	63
6.3 Neologismo.....	68
6.3.1 Neologismo Fonológico – Criação Onomatopaica .....	67
6.3.2 Neologismo Sintático por Composição .....	69
6.3.3 Neologismo Semântico.....	70
6.3.4 Neologismo por Empréstimo .....	71
6.4 Amostras de substantivos ofayé.....	73

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS.....86**

<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>88</b>
--	-----------

## INTRODUÇÃO

Este trabalho mostra um estudo do léxico da língua ofayé, família lingüística Macro-Jê. Por meio de amostras de substantivos será organizado um pequeno vocabulário ofayé-português. Esta dissertação possui seis capítulos, que estão dispostos da seguinte forma: o primeiro capítulo descreve os procedimentos práticos e teóricos da pesquisa, objetivos e justificativa.

No segundo capítulo, tratamos sobre as línguas indígenas em geral, sobre o povo ofayé, e comentamos também sobre o caso das línguas em extinção hoje no Brasil, assunto esse relevante à pesquisa, pois a língua ofayé é uma das línguas que podemos considerar em risco de extermínio. Ainda apresentamos alguns mitos ofayé.

No terceiro capítulo, abordamos os conceitos básicos sobre léxico e língua.

No quarto capítulo expomos alguns conceitos e princípios da Lexicologia e da obra lexicográfica, a respeito do tema Lexicografia e Semântica, Lexicografia e Gramática, Macroestrutura e Microestrutura, vocabulário, dicionário e glossário, campo semântico, dicionário bilíngüe, neologismo e onomatopéia.

No quinto capítulo apresentamos alguns aspectos e morfológicos da língua ofayé que julgamos importante para melhor compreensão do capítulo sexto.

O sexto capítulo é constituído por explicação referente ao campo semântico, neologismo e onomatopéia, itens presentes na língua e em seguida o vocabulário ofayé-português, precedido por informações que orientam o usuário na leitura.

## **CAPÍTULO 1 - OBJETIVO, JUSTIFICATIVA, METODOLOGIA TEÓRICA E DE CAMPO**

### **1.1 Objetivos**

O objetivo deste trabalho é apresentar um estudo introdutório sobre os substantivos da língua ofayé com explicações neológicas, onomatopaicas e sobre o campo semântico na língua. Conseqüentemente, organizar um pequeno vocabulário ofayé-português. Além de contribuir para o desenvolvimento dos estudos lingüísticos por meio da documentação de uma língua indígena, este trabalho fornecerá subsídios para estudos futuros sobre as línguas da família Macro-Jê.

### **1.2 Justificativa**

No Brasil há muitos estudos sobre a fonologia, morfologia e sintaxe das línguas indígenas, porém, há poucas pesquisas sobre o léxico. Com o ofayé não é diferente. No entanto, em anos recentes, a temática da elaboração destes dicionários tem sido objeto de particular interesse. Alguns trabalhos sobre este tema foram realizados como, por exemplo, o de Weiss (1998) e Ferreira (2005), apresentados como tese de Doutorado. Assim, acreditamos que trabalhar com o conjunto lexical contribuirá para a documentação e a promoção de seu uso e aumentará o conhecimento científico dessa língua. Um estudo do léxico da língua ofayé contribuirá, ainda, para o conhecimento dessa parte da língua, uma vez que a fonologia, sintaxe e morfologia já foram estudadas por Oliveira (2006).

Para a elaboração deste trabalho partimos da perspectiva de que o léxico é uma parte importante de uma língua, pois abriga todas as idéias e conceitos de um povo. De acordo com Biderman (2001), nele está a somatória de experiência e cultura de uma sociedade, e os membros dessa sociedade são sujeitos ativos no processo de sua construção. Assim, as mudanças sociais conseqüentemente acarretarão mudanças no sistema lingüístico de um povo, podendo resgatar novos significados, como também perder outros, tudo isso para o enriquecimento do léxico.

Outra justificativa para esta pesquisa é o crescente interesse nos estudos das línguas indígenas brasileiras faladas atualmente. Este trabalho servirá como fonte lingüística das línguas indígenas brasileiras. Será um documento que poderá ser utilizado em projetos futuros de revitalização lingüística, com isso se transformará em um documento do saber desta língua.

O trabalho lexical da língua, como já foi dito, além de aumentar o conhecimento científico, contribuir para a documentação e promoção de seu uso, também irá contribuir com o aumento da auto-estima dos ofayé, já que acreditam que a língua é o que restou da tradição.

### **1.3 Metodologia teórica**

Este trabalho tem como proposta descrever os substantivos da língua ofayé e organizá-los por campos semânticos, apresentando assim, um vocabulário. O estudo lexical pode contribuir para um dicionário, mas este trabalho se restringirá a um vocabulário de substantivos ofayé. Como base teórica utilizamos Zgusta (1971), para tratar sobre o léxico, Biderman (2001), para discutir sobre campos semânticos e neologismo, Dapena (2002), para abordar a diferença entre Lexicografia e Semântica, Lexicografia e Gramática, Welker (2004), na teoria de dicionário bilíngues, também na definição de Lexicologia e Lexicografia e Alves (2007) para discorrer sobre o neologismo.

A escolha das fontes de dados utilizados pelo lexicógrafo deve ser feita cuidadosamente, segundo o autor (op. cit.) é uma questão bem delicada que pode causar uma imagem distorcida do léxico, se for escolhida indiscriminadamente pode não corresponder com a realidade lingüística que se pretende atingir. O *corpus* de um dicionário deve basear-se na realidade lingüística que se pretende alcançar. Baseado nisto, apesar do trabalho não se caracterizar como um dicionário e sim como um vocabulário, segue os caminhos que as teorias da Lexicologia e da Lexicografia oferecem.

## 1.4 Trabalho de campo

O trabalho de campo foi realizado na aldeia ofayé, situada em Brasilândia (MS), cidade próxima à Três Lagoas, como também na própria UFMS, com a vinda da informante para a cidade, em diversas ocasiões. É preciso levar em consideração que esta pesquisa faz parte de um estudo mais amplo, o projeto de pesquisa intitulado Língua ofayé: um estudo lexicográfico.

O levantamento bibliográfico foi feito pela internet em sites de bibliotecas como Universidade de São Paulo (USP), Universidade de Campinas (UNICAMP), também no site da plataforma lattes, como em sites de busca como google acadêmico entre outros.

E nesta busca por referências foi feita uma viagem para USP na busca de textos existentes na biblioteca desta universidade para enriquecimento do trabalho.

Na coleta de dados, primeiramente trabalhamos com informações retiradas da tese de Oliveira (2006), que descreve a morfologia e sintaxe da língua. Desta tese retiramos todas as palavras e conferimos com a Sra. Margarida, nossa colaboradora habitual, falante nativa. Houve também a conferição dos dados na aldeia com o Sr. Ataíde, também falante nativo. As entrevistas eram feitas por meio de questionários pré-elaborados e também por perguntas que surgissem no decorrer do diálogo. As conversas eram gravadas, e transcritas na hora, com a presença do falante. A elicitación dos dados foi baseada no método chamado por Kibrik (1977) de 'ativo'.

Utilizamos o programa computacional *Audacit* para a gravação dos dados. Na coleta, principalmente da fauna e da flora, foi de grande importância livros sobre o assunto para elucidação de nomes de animais ou plantas desconhecidos. É importante ressaltar que a coleta foi separada por campos semânticos, essa organização teve o objetivo de tornar a coleta mais objetiva para os colaboradores e ainda para que todos os dados fossem conferidos e transcritos na hora da entrevista. A distribuição por campo semântico foi baseada nas informações dos dados da coleta.

Neste trabalho, o fichamento dos dados obedeceu a certos critérios de pesquisa, como por exemplo, com relação ao léxico, tratamos de expor apenas um recorte dos substantivos da língua, dando informação básica acerca da palavra, como a transcrição fonética, a classificação gramatical, a equivalência e em alguns casos, a definição.

No vocabulário, a palavra-entrada é dada foneticamente, pois na língua ainda não há um sistema ortográfico bem definido e aceito pelos falantes ofayé.

Propusemos aqui o objetivo, justificativa, metodologia teórica e de campo da pesquisa. No próximo capítulo explicaremos sobre as línguas indígenas, o povo ofayé, a língua Ofayé e línguas em extinção.



## CAPÍTULO 2 - O POVO E A LÍNGUA OFAYÉ

### 2.1 Sobre as línguas indígenas

Segundo Mattoso Câmara Jr. (1977), a relação com as línguas indígenas gera percepções espontâneas, como a de parecer entrar em um mundo completamente diferente. Assim, muitas vezes, os pesquisadores, ao conduzirem um estudo com tais línguas, carregam a impressão de que são fatos completamente novos, que são extremamente diferentes das línguas com que estamos acostumados a nos relacionar, mas, como afirma o autor, a realidade não é esta e o fenômeno linguístico é o mesmo em toda parte:

Bem conhecemos o fenômeno do etnocentrismo, segundo o qual o indivíduo vê todas as outras culturas em função da sua própria cultura, e não compreende, ou acha extravagante, tudo aquilo que não pratica e não obedece no seu ambiente cultural nativo. Em relação à língua, o etnocentrismo ainda é maior, porque a língua se integra no indivíduo e fica sendo o meio permanente do seu contacto com o mundo extralingüístico, com o universo cultural que o envolve, de tal sorte que se cria uma associação íntima entre o símbolo lingüístico e aquilo que ele representa. (MATTOSO CÂMARA JR., 1977, p. 83)

Esse não é um fato que acontece somente com as línguas indígenas, mas também com qualquer outra língua estrangeira. É que, no contato com as línguas indígenas, isso é mais evidente; há uma manifestação mais nítida por haver condições culturais completamente diferentes. Câmara (1977) explica que um pesquisador, diante dessa situação, concluirá que as línguas indígenas são totalmente distintas das línguas “de civilização”. Esse estranhamento em relação às línguas indígenas faz parte de um preconceito linguístico existente em muitos estudos.

Hjelmslev e Humbolt (s.d *apud* MATTOSO CAMÂRA JR., 1977, p. 85), em seus conceitos, respectivamente, de expressão e conteúdo e forma externa e forma interna, analisam a ideia de novidade em relação à língua indígena por meio desses dois aspectos, que são presentes nas línguas. Em se tratando do fator externo, Mattoso Câmara Jr. (1977) afirma que não há uma diferenciação entre línguas primitivas e línguas de civilização; assegura o autor que há todos os tipos de estrutura em qualquer língua. Os vários processos linguísticos, as várias características podem ou não ser encontradas em uma língua, independente de ser

constituída por uma cultura rudimentar ou muito complexa. Afirma que não há uma distinção categórica ou definitiva entre línguas primitivas e línguas de civilização no que se refere à estrutura linguística apresentada por elas.

Somente ao tratarmos da concepção do mundo extralingüístico em estreita conexão com a forma interna é que a ideia de diferenciação das línguas persiste, mesmo entre os lingüistas. Segundo Mattoso Câmara Jr. (1977, p. 89):

Há, por exemplo, uma afirmação muito repetida de que o homem primitivo não sabe generalizar e tem termos especialíssimos para se reportar às diversas modalidades de uma planta ou animal, sem um nome geral para abranger o gênero inteiro dessas plantas e animais. Ora, isso é até certo ponto uma afirmação falaz. Na realidade em qualquer cultura a língua tem a tendência a especificar minuciosamente aquilo que é de grande interesse do grupo.

O funcionamento interno de uma língua é relacionado com as coisas do mundo extralingüístico de qualquer idioma, e certos tipos de categorias gramaticais podem ou não ocorrer em qualquer língua. De acordo com o autor, estamos acostumados a nos relacionar com um grupo de línguas correspondentes a uma determinada tipologia, no caso, o grupo das línguas indo-europeias, de modo que encontrar, em línguas que não sejam dessa tipologia, categorias inexistentes naquele grupo não nos pode levar a crer que tais categorias sejam típicas dessas outras línguas apenas por serem “primitivas”. O que ocorre entre essas línguas é unicamente o fato de que outro tipo de língua se desenvolveu em outro sentido diferente do indo-europeu. Isso certifica a proposição sobre a diferença entre as culturas e forma de encarar o mundo, que influencia o desenvolvimento das várias línguas existentes.

Diferente da nossa forma urbanizada de viver, os povos indígenas vivem primitivamente, e ainda possuem formas distintas de modo de vida. De acordo com Rodrigues (2002, p. 17), os costumes, atitudes estéticas, crenças religiosas, organização social e filosofia são típicos de cada grupo. Suas línguas, não diferentes das quase seis mil línguas existentes no mundo, “são manifestações da mesma capacidade de comunicar-se pela linguagem”, porém, na língua portuguesa, há muita influência das línguas indígenas, particularmente no que se refere à fauna. O autor explica que os nomes de aves brasileiras e de peixes são recorrentes em grande quantidade de línguas indígenas e, mais especificamente, possuem grande influência do Tupinambá.

Por muito tempo, após a chegada dos portugueses a nossa terra, a língua tupi foi por eles estabelecida, “ao lado do português”, como a língua “geral” nas relações cotidianas

da colônia (MATTOSO CÂMARA JR., 1985, p. 27). Essa língua foi tão importante e tão usada no Brasil que, segundo o autor (op. cit.), “até o final do século XVIII era a língua mais falada no Brasil”, mais falada do que até o próprio português. Só não se usa a língua tupi como língua oficial porque as autoridades portuguesas proibiram seu uso por toda a população brasileira. Com isso, pela expansão da língua incentivada por escritores e missionários jesuítas, foi-se constituindo a idéia de que todos os povos falavam a mesma língua e de que então havia apenas um povo. Mas isso não passou de um engano, que hoje é verificado por meio de vários estudos.

De acordo com estudos realizados, no Brasil existem em média entre 170 e 180 línguas indígenas. Apesar disso, muitos brasileiros têm a impressão de viver em um país onde a única língua falada é o português. Essas línguas indígenas brasileiras se dividem em troncos e famílias linguísticas. Rodrigues (2002) descreve que há dois grandes troncos linguísticos, o tupi, que é dividido em dez famílias, e o macro-jê, dividido em nove, além de outras vinte famílias que não estão inclusas em nenhum tronco. Desse estudo classificatório, foram identificadas quatro grandes famílias de línguas no Brasil: tupi, jê, aruák, e karib. Ainda segundo autor, há famílias linguísticas no país que não são correspondentes a nenhum desses grandes agrupamentos citados. São as famílias mais restritas, que possuem um pequeno número de línguas, situando-se, na sua maioria, na Amazônia, como as famílias , nambikwára, pano, Tucano, entre outras.

Há, ainda, as línguas isoladas, que não demonstram nenhum parentesco com nenhuma outra língua, família ou tronco e, assim, constituem famílias de um só membro. De acordo com Rodrigues (2002), quando se perde uma língua isolada sem que tenha sido devidamente documentada, o prejuízo é muito maior do que quando se perdem línguas pertencentes a grupos ou famílias. Toda língua tem qualidades únicas, que se perdem quando estas desaparecem sem ser devidamente documentadas, mas, quando se trata de uma língua isolada, esse caso se agrava por não haver outras línguas que possam ser estudadas comparativamente. A perda nessa língua é maior do que simplesmente palavras como nomes e verbos; perdem-se também “modos únicos de codificar a experiência social e o conhecimento humano” (RODRIGUES, 2002, p. 93). Torna-se evidente que a dissipação das línguas indígenas ocasiona um empobrecimento cultural no Brasil e no mundo. O autor aponta que, no Brasil, é preocupante o fato de que as línguas isoladas ainda faladas no país estejam sob ameaça de desaparecimento, com reduzido número de falantes, e, além disso,

muitas não têm sido estudadas. De acordo com o autor, por outro lado, apenas o tukúna (ou tikuna), situado no Solimões, conta com uma volumosa população – 18.000 pessoas. Essa língua é também falada no Peru. As outras línguas isoladas são faladas por no máximo 200 falantes e várias delas estão a ponto de ser extintas.

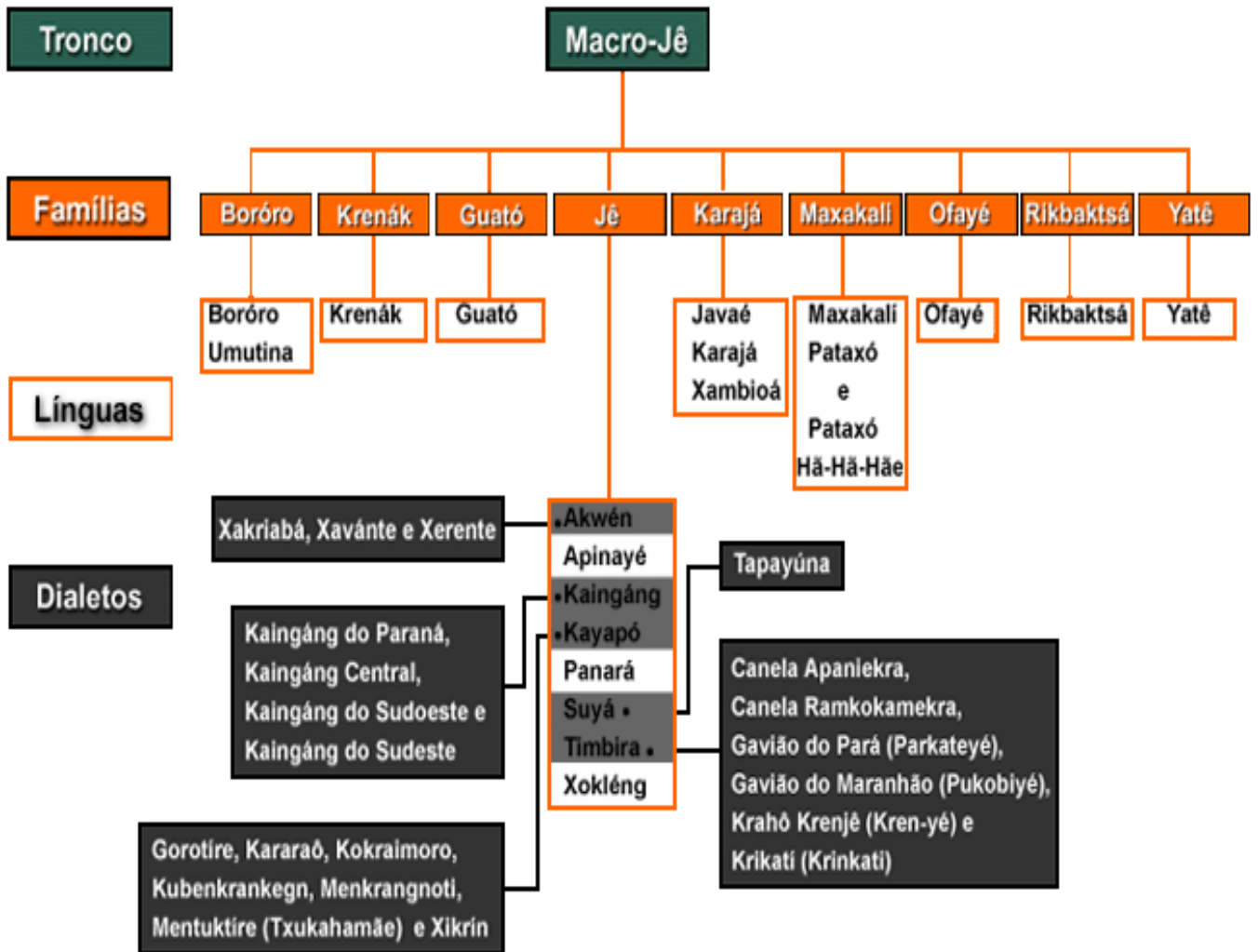
Por exemplo, há a língua aikaná, falada pelos kasupá e mundé, em Rondônia, conta com apenas 80 falantes maternos. O estudo dessa língua teve início em 1984 e ainda não se sabe muito de sua estrutura. Nesse meio, há também os koaiá, conhecidos como “arara”, que aparentemente contam com apenas 7 falantes e vivem entre os aikaná. As outras línguas não foram alvo de nenhum tipo de estudo. O kanoê (kapixaná) é mais uma língua isolada existente na região de Rondônia, com cerca de apenas 20 falantes e que também não foi objeto de estudos linguísticos.

De acordo com Rodrigues (2002), há também, no norte de Mato Grosso, outra língua isolada, falada pelos índios irántxe e mynky (munku), sobre a qual existem somente estudos rudimentares. Também o trumái, falado por menos de 40 pessoas no Alto Xingu, foi estudado há vinte anos por lingüistas, que anotaram um pequeno vocabulário. Há ainda duas línguas em Roraima, a língua awakê e a makú, que talvez tenham falantes.

As línguas citadas são exemplos de línguas isoladas listadas por Rodrigues (2002) e que formam amostras únicas de organização linguística e cognitiva. Conforme o autor há as línguas que, apesar de apontarem indícios para a integração em algum tronco, como o tupi e o macro-jê, não se incluem diretamente em nenhuma família de nenhum dos troncos existentes. São línguas isoladas. Neste caso, pode ser incluído o guató do alto rio Paraguai (tronco macro-jê), língua falada por poucas pessoas (já que a maioria fala português), e vivem dispersas ao longo do rio e não possuem mais terras próprias.

O Ofayé é uma língua caracterizada como em extinção dentro do tronco macro-jê, falarei mais especificamente sobre esta língua no próximo item. Há ainda o rikbaktsá e o karajá, que estão em situação de isolamento e foram objeto de estudos nos últimos anos. Outra língua relativamente isolada nesse tronco é o krenák (conhecido também como botocudo de Minas Gerais e Espírito Santo). O estudo dessas línguas é considerado complexo pelo fato de a língua materna ter caído em desuso e de se usar apenas o português na comunicação. Esse tipo de estudo descritivo é ainda pouco praticado com as línguas indígenas, o que pode levar a um enfraquecimento cultural e linguístico no país, pois, como foi exposto, há ainda muitas línguas sem estudos e algumas em risco de extinção.

No tronco marco-jê, são inseridas a família e língua ofayé. Esta é uma língua isolada no tronco: não possui características em comum com outras línguas e não está ligada a nenhuma outra família, além de poucos falantes.



## 2.2 A língua ofayé

Segundo classificação recente de Rodrigues (2002), a língua ofayé faz parte da família ofayé que pertence ao tronco Macro Jê, nesta família há somente essa língua segundo o autor. A língua ofayé foi considerada por Loukotka (s.d *apud* NASCIMENTO et al., 1996, p. 11) como uma língua isolada, com intrusões Jê, já que não possuía características claras de outras línguas Jê. Conforme afirma Seki (2002), o Macro-Jê é um tronco exclusivamente brasileiro, e as línguas pertencentes ao grupo são faladas especialmente nas regiões de campos e cerrados, desde o sul do Maranhão e Pará, passando pelos estados do centro-oeste, até estados do sul do país. A autora afirma que o tronco Macro-Jê, diferentemente do tronco linguístico Tupi, é marcado por evidências menos claras.

De acordo com Ribeiro (1951 *apud* OLIVEIRA, 2006, p. 38), o antropólogo Curt Nimuendaju foi o primeiro pesquisador a publicar informações linguísticas sobre os ofayé, conseguidas por visitas datadas de 1909 e 1913. Ele coletou palavras que proporcionaram meios para o início do estudo da língua.

Entre os trabalhos acadêmicos realizados sobre os ofayé, há duas dissertações de mestrado na área da Antropologia – Dutra (2004) e Borgonha (2006) – e uma tese na área de Linguística – Oliveira (2006) –. Há também artigos de antropólogos, biólogos e missionários, como as contribuições de Nimuendaju (1912) e Ribeiro (1996), também antropólogo. Artigos na área dos estudos linguísticos sobre os ofayé foram publicados por Gudschinsky (1974), Guedes (1989), Souza (1991), Silva (2002) e Rodrigues (2002).

Para o enriquecimento dos estudos sobre a língua ofayé, há uma lista de palavras coletada pelo antropólogo Nimuendaju em 1932, cidadão alemão que, aos vinte anos, se interessou pela pesquisa indígena. Em 1905, entrou em terras nativas pouco exploradas do oeste do Estado de São Paulo. Nasceu na Alemanha em 1883 e viveu entre os índios até sua morte, 10 de dezembro de 1945.

Na lista de Nimuendaju (1932, p. 571), há um levantamento de dados, informados em vários idiomas, como alemão, inglês e português. É uma lista de palavras citadas aleatoriamente. Contém 357 palavras em Ofayé com tradução para o alemão. Exemplos de palavras: “Rio Paraná (keregawqtá), Rio Samambaia (kréóg.ǵie), pipoca (imǵág), dourado (katojtá), pacu (katojtówe), fish (kitáwig), tucan (ietá), papagaio (kótóu), arara (ewág),

angel (oritóg)”. Nessa lista, há também equivalências de palavras em várias outras línguas indígenas, como tukuna, baniwa, baré, warekéna, karutána, entre outras línguas do Brasil, como o próprio pesquisador afirma.

### **2.2.1 Línguas em extinção**

De acordo com dados publicados pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2009), metade das 6.700 línguas faladas atualmente no mundo corre o risco de ser extinta. Há vários motivos para o desaparecimento de uma língua, é comum que um idioma mais forte falado por maior quantidade de pessoas acabe sufocando um mais fraco. De acordo com a UNESCO (2009), o melhor modo de cuidar de um idioma é transmiti-lo para gerações seguintes. O importante é manter o registro dos idiomas, apenas assim é possível que renasçam um dia. Afinal, as línguas são instrumentos utilizados pelos seres humanos para a interação e expressão de idéias, sentimentos, conhecimentos, memórias e valores. Patrimônio essencial para a humanidade.

As línguas “também são disseminadoras fundamentais do patrimônio cultural imaterial de uma sociedade, que é elemento essencial para a identidade de um indivíduo ou grupo”. Assim, o trabalho de conservar as línguas em perigo de desaparecimento é muito importante para manter a diversidade cultural no mundo, já que a língua é um modo de manifestação da cultura. “Os idiomas são patrimônios porque guardam a alma de um povo, sua história, seus costumes e conhecimentos, passados de geração em geração”. (JORDÃO, 2009,)

Como a UNESCO é um órgão que valoriza a diversidade linguística no mundo, também tem como preocupação conservar o patrimônio cultural imaterial, que se reflete na diversidade cultural existente no mundo. E a língua é um componente do patrimônio cultural de qualquer povo, assim como rituais e atos festivos, conhecimentos e usos relacionados com a natureza e o universo e técnicas artesanais tradicionais. Assim,

Uma língua que não pode ser mantida por muito tempo, perpetuada ou revitalizada, ainda merece uma documentação o mais completa possível. Isso porque cada língua incorpora um conhecimento cultural e ecológico único. A documentação de tal

língua é importante por muitas razões: 1) Enriquece o capital intelectual; 2) Apresenta uma perspectiva cultural que pode ser nova para o nosso conhecimento; e 3) O processo de documentação frequentemente ajuda o pesquisador de línguas a reativar o conhecimento linguístico e cultural<sup>1</sup> (UNESCO, 2009). (Tradução nossa).

Harrison (s.d., *apud* UNESCO, 2009) alega que, com a perda de uma língua, estão sendo jogados fora séculos de descobertas feitas pela humanidade e para a humanidade, pois “language diversity is essential to the human heritage. Each and every language embodies the unique cultural wisdom of a people”.

Em pesquisas linguísticas divulgadas pela UNESCO (2009, p. 14), há seis fatores imprescindíveis para identificar a extinção de uma língua, mas nenhum deve ser usado isoladamente. Uma língua que é altamente categorizada com um critério merece atenção imediata em relação aos outros fatores. Os seis fatores identificados são: (1) Transmissão intergeracional da linguagem; (2) Número absoluto de falantes; (3) Proporção de falantes em relação ao total da população; (4) Tendências para a existência de domínios lingüísticos; (5) Reação a novos domínios e meios; (6) Materiais para educação linguística e letramento (alfabetização)<sup>2</sup> (tradução nossa).

Lewis (2005 *apud* BREZINGER, YAMAMOTO et. al., 2003) avalia o grau de perigo de extinção das línguas usando fatores classificatórios. O autor propõe uma escala de maior e menor risco, que é apresentada no quadro a seguir, relacionada ao número de falantes:

<b>Degree of Endangerment</b>	<b>Grade</b>	<b>Speaker Population</b>
<i>Safe</i>	5	The language is used by all ages, from children up.
<i>Unsafe</i>	4	The language is used by some children in all domains; it is used by all children in limited domains.
<i>Definitively</i>	3	The language is used mostly by the

<sup>1</sup> A language that can no longer be maintained, perpetuated or revitalized still merits the most complete documentation possible. This is because each language embodies unique cultural and ecological knowledge. Documentation of such a language is important for several reasons: 1) it enriches the intellectual capital; 2) it presents a cultural perspective that may be new to our current knowledge; and 3) the process of documentation often helps the language resource person to reactivate the linguistic and cultural knowledge.

<sup>2</sup> (1) Intergenerational Language Transmission; (2) Absolute Number of Speakers; (3) Proportion of Speakers within the Total Population; (4) Trends in Existing Language Domains; (5) Response to New Domains and Media, and (6) Materials for Language Education and Literacy.



<i>Endangered</i>		parental generation and up.
<i>Severely endangered</i>	2	The language is used mostly by the grandparental generation and up.
<i>Critically endangered</i>	1	The language is used mostly by very few speakers, of great-grandparental generation.
<i>Extinct</i>	0	There exists no speaker.

Fonte: Lewis (2005)

Na tabela acima há um paralelo de características a que uma língua pode estar exposta. Os graus de comprometimentos são: Fora de perigo, pouco seguro, arriscado nível de extinção, grave ameaça de extinção, perigo crítico de extinção e extinto. A língua considerada extinta não possui nenhum falante. Quando é usada por alguns falantes e a maioria destes são os mais velhos, o idioma está em um grau crítico de extinção. É pouco seguro no caso da língua ser usada por algumas crianças em todo domínio da comunidade, e por outro lado ser usada por todas as crianças em um domínio limitado. Enfim, uma língua está segura quando é falada por todos os falantes, de todas as idades.

Gordon (2005) afirma que o desaparecimento das línguas é possível simplesmente pelo desuso do idioma, decorrente da morte da população. Quando o conhecimento de uma língua estiver limitado somente aos mais velhos de uma comunidade, morrendo estes morrerão também o conhecimento e a tradição juntos. É o que está em vias de ocorrer com os ofayé. Pouquíssimos falam a língua, que não é passada para as novas gerações, que falam apenas o português. Na comunidade, entre os falantes que são bilíngües, mais ou menos 65 Ofayé, há timidez em se comunicarem na língua materna.

Para Adelaar (2000), esses são fatores de risco para o desaparecimento de uma língua. Como também, quando as crianças de uma comunidade passam a não conhecer mais a língua materna, isso é inevitável para se chegar à extinção. Assim, segundo Gordon (2005), a inexistência de falantes monolíngües entre o povo concorre fortemente para o desaparecimento da língua. E entre os ofayé não há mais ninguém que tenha somente a língua materna como meio de comunicação, sendo o português a língua utilizada no convívio social. Portanto, pelo fato de não mais utilizarem somente a língua materna, e as crianças que nascem não são alfabetizadas na língua materna, muitas palavras já não são mais lembradas pelos falantes que ainda restam. Harrison (*apud* UNESCO, 2009) estima que “mais da metade das línguas do mundo não possui forma escrita. Se o último falante das muitas dessas línguas desaparecer

amanhã, a língua ficará perdida, pois não há dicionário, estudos e textos de nenhum tipo<sup>3</sup>” (tradução nossa).

Portanto, em algumas regiões há maior atenção dos pesquisadores; são os locais chamados de *hotspots*<sup>4</sup>, ou seja, áreas com maiores quantidades de línguas em extinção. De acordo com informações<sup>5</sup> obtidas pelos linguistas Harrison, Anderson e Rainier, participantes do projeto *National Geographic's Enduring Voice*, o norte da Austrália, o Centro da América do Sul, o noroeste do Pacífico nos Estados Unidos e Canadá, Sibéria Oriental, e Oklahoma e sudoeste dos Estados Unidos são considerados como *language hotspots*. Os pesquisadores costumam viajar pelo mundo com o objetivo de entrevistar os últimos falantes de línguas que estão em condições críticas.

Entre os próprios índios há a idéia de que logo a aldeia acabará e cada um seguirá seu destino, perdendo-se, com isso, parte de uma cultura que pode ser conhecida por meio da língua que falam. As pessoas mais velhas da comunidade desejam, no entanto, registrar sua história e cultura.

---

<sup>3</sup>more than half of the world's human languages have no written form. If the last speaker of many of these vanished tomorrow, the language would be lost because there is no dictionary, no literature, no text of any kind.

<sup>4</sup><http://www.nationalgeographic.com/mission/enduringvoices/>

<sup>5</sup>[http://press.nationalgeographic.com/pressroom/index.jsp?pageID=pressReleases\\_detail&siteID=1&cid=1190293532544](http://press.nationalgeographic.com/pressroom/index.jsp?pageID=pressReleases_detail&siteID=1&cid=1190293532544)

### 2.3 O povo ofayé

De acordo com Oliveira (2006), os ofayé são conhecidos historicamente como ofayé ou ofayé-xavante e atualmente estão situados em Brasilândia, município localizado ao leste do estado de Mato Grosso do Sul. Oficialmente, a terra indígena é reconhecida como “Comunidade Indígena Ofayé-Xavante”.

Há poucos documentos que relatam a história do povo ofayé. Em 1948, Darcy Ribeiro encontrou um pequeno grupo ofayé e acreditou que o grupo estava se extinguindo. Fortalecendo essa idéia, anos mais tarde Gudschinsky (1974 *apud* OLIVEIRA, 2006, p. 38), por acreditar ter tido contato com o último falante da língua, escreveu um artigo sobre a língua ofayé considerando-a praticamente extinta.

De acordo com o Dutra (2005), até o início do século XX os ofayé eram formados por uma população de milhares de pessoas que habitavam a margem direita do rio Paraná, desde a foz do Sucuriú até as nascentes do Vacaria e Ivinhema. É um grupo que possui uma história triste e difícil, de acordo com o depoimento do cacique José de Souza<sup>6</sup>. Por ser um grupo pequeno, vive esquecido, e não há nenhum posto da FUNAI na comunidade. É um grupo, como outros, que resiste ao esquecimento e anseia pelo seu reconhecimento.

Os ofayé viviam sempre em fuga, com o objetivo de escapar de novos ataques a suas terras. Ribeiro (1996, p. 102) descreve bem essa parte da história:

À margem direita do Paraná, entre o Sucuriú e o Ivinhema, viviam os Ofaié-Xavante, contra os quais se lançou, em meados do século passado, a mesma onda de criadores de gado vinda do Rio São Francisco e que vimos investir sobre os Kayapó. Em fuga, os Ofaié se deslocaram para o sul, onde foram encontrar outra fonte de expansão pastoril que penetrava a região, vinda dos campos do Rio Grande do Sul. Assim cercados, esses índios foram dizimados sob as mesmas alegações que vimos levantar-se desde o Nordeste: seriam ladrões de gado que abatiam as reses como se fossem veados ou porcos selvagens. O certo é que nenhum esforço foi feito pelos civilizados para se acercarem desses índios; os criadores simplesmente faziam chacinar cada grupo descoberto, quando um novo retiro de criação era fundado.

---

<sup>6</sup> Comunicação pessoal

As chacinas ocorridas com esse povo indígena foram muito constantes na história, por isso possuem uma biografia marcada por fugas, com o objetivo de escapar da exploração e violência contra seu povo.

Atualmente, a população ofayé é de aproximadamente 70 pessoas, entre kaiowá, ofayé e não índios. Essa mistura propiciou na aldeia casamentos interétnicos, pois, entre os próprios Ofayé, é difícil a possibilidade de casamento, pois hoje não há mulheres ofayé para o casamento na comunidade, ou porque são novas, ou são parentes (sobrinhas, primas). Assim, esse fato motivou a mistura entre etnias. Segundo Nascimento et. al. (1996, p. 1996), há casamentos interétnicos desde a primeira geração da sociedade ofayé.

De acordo com Ribeiro (1996, p.101), o grupo possui também como denominação o termo “xavante”, que é a forma como era conhecido pelos sertanejos da região onde vivia, ao sul da Caiapônia, nas terras banhadas pelos afluentes do rio Paraná. Era também denominada pelos sertanejos, como xavante, outra tribo que vivia na mesma região, chamada Oti dos Campos Novos do Paranapanema, e tinha hábitos semelhantes: vivia igualmente o modo de vida campestre, como ofayé, assim, a denominação advém somente da similaridade da forma de vida entre os povos, pois não possuem a mesma língua. O fato de os fazendeiros denominarem tribos distintas com o mesmo nome gerou problemas no estudo da língua, pois pesquisadores mantinham contato com diferentes povos, mas imaginavam estar estudando apenas um.

Ainda segundo Dutra (2005), a designação “xavante” provém do predomínio de vegetação rasteira e árvores de pequeno e médio porte, características típicas do cerrado sul-mato-grossense: por viverem numa região de vegetação do tipo savana (“shavante”, ‘os que vivem na savana’), ganharam essa denominação. Segundo relato do ofayé Ataíde Francisco Rodrigues, os próprios índios se denominam ofayé, mas os não índios os chamam de ofayé xavante. Há, de acordo com o ISA (2005), várias ortografias para o termo “ofayé” nos textos sobre o povo: “Opayé, Opaié, Ofaiê, Faiá, Faié, Fae, Kukura, Xavante, Chavante, Shavante, Chavante-Opaié, Guaxi, entre outros”.

Houve muitas controvérsias e imprecisões em relação à classificação da língua ofayé. O que contribuiu para essa problemática foi a visão generalizada que os brasileiros e europeus tinham antigamente sobre os povos indígenas, pois davam um mesmo nome para tribos distintas, dificultando assim o estudo particular desses povos (BORGONHA, 2006). No caso dos ofayé, terá havido um equívoco na gênese dos estudos. Loukotka (1931 *apud*

BORGONHA, 2006, p. 18) afirma ter sido o botânico e etnógrafo tcheco Alberto Vojtech Fric a coletar os primeiros dados sobre os ofayé, em 1901. Com esses dados, Loukotka afirmou a existência de uma nova língua isolada, denominada kukura. Nimuendajú considera essa suposição equivocada. Baseado em suas visitas ao povo ofayé em 1909 e 1913, afirma não se tratar de uma nova tribo, mas sim dos ofayé que eram designados pelos brasileiros como “xavantes”.

A história dos povos indígenas brasileiros é repleta de destruição e exploração. Referente a esse fato, especificamente em relação aos ofayé, Borgonha (2006, p. 30), relata que:

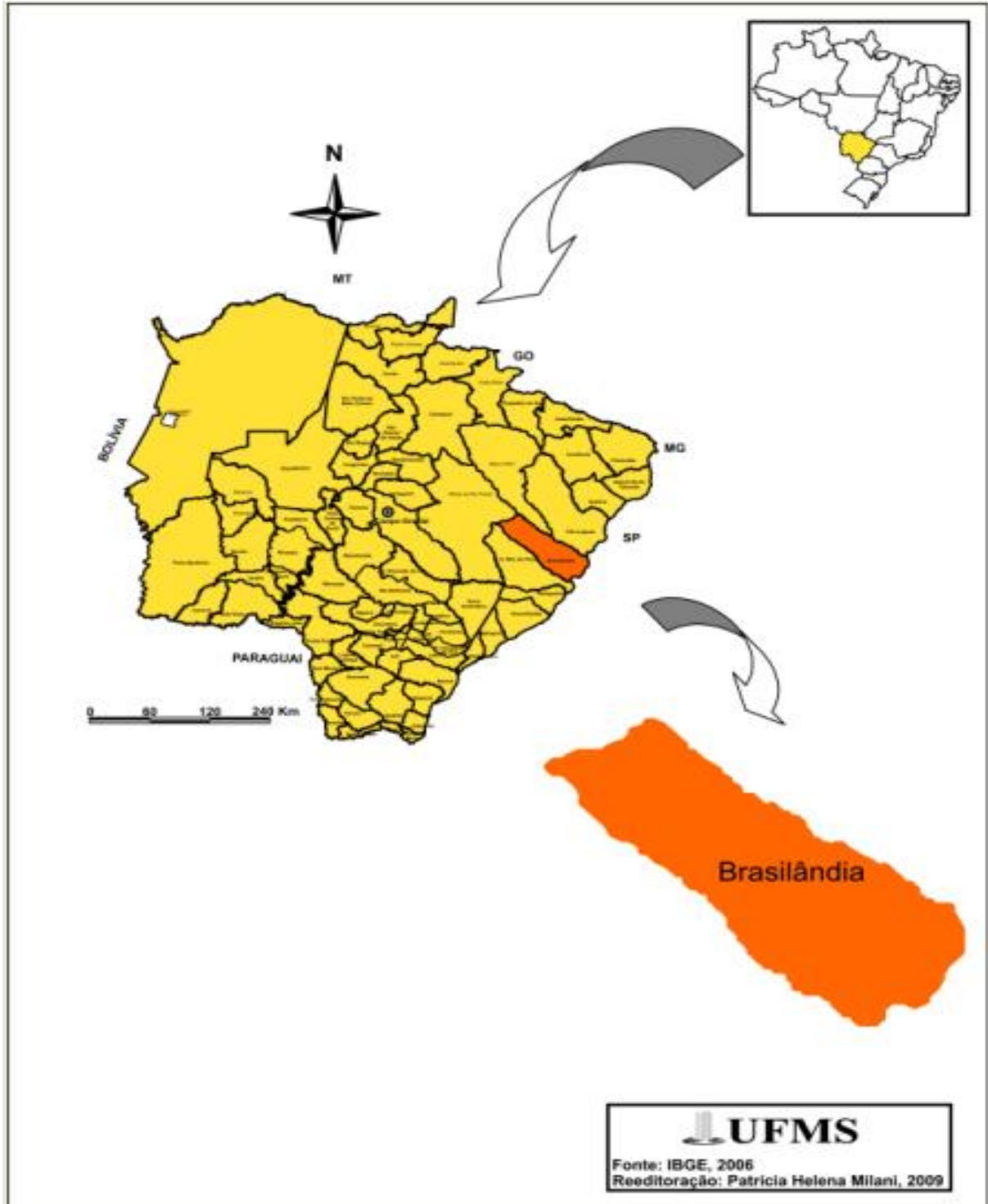
A expansão agropastoril, que acometeu o sul do Mato Grosso, e sua proposição de que os indígenas apresentavam-se como um obstáculo para o progresso, caracteriza a postura político-econômica do século XIX. Quanto aos Ofayé, sua presença na região Centro-Oeste está constantemente ligada aos embates com o homem branco, que ocorrendo voraz e consecutivamente ocasionaram o desaparecimento quase completo destes primeiros.

Como mencionado anteriormente, os ofayé possuem uma triste e difícil história de frequentes fugas contra a violência dos fazendeiros e em busca de novas terras. Isso foi ocasionado, em tempos passados, pela ampliação das atividades pastoris em Mato Grosso do Sul, de que decorreu a diminuição da população, que se dividiu em subgrupos, perdendo o contato entre si (NASCIMENTO et.al., 1996). O conhecimento de sua história e da cultura de tempos atrás é mínimo, e os que viveram nessa época já não mais vivem para contar. Não há mais ritos, nem crenças entre os ofayé da geração atual; eles perderam seus costumes e tradições, restando apenas a língua, falada por somente 8 pessoas da comunidade, segundo nossos dados. Materiais como a tese de Oliveira (2006), afirma que ainda há 11 falantes maternos. Margarida também relata que o idioma falado por tão poucas pessoas, é uma marca cultural que desejam preservar.

As pessoas mais velhas da comunidade anseiam por que as crianças ofayé aprendam sua língua materna, já que nenhum jovem é falante da língua. As crianças estão aprendendo com a professora Margarida, na escola localizada na própria reserva indígena. Um trecho da fala de Ataíde expressa esse desejo:

A educação precisa cuidar do ensino do Ofayé, porque ao aprender o idioma ele vai sentir dentro de si que ele é Ofayé, ele vai sentir dentro de si que é índio. Se continua falando só Português, ele vai ser uma pessoa diferente da gente (NASCIMENTO et al.,1996, p.1)

A seguir, apresenta-se o mapa de Mato Grosso do Sul, ilustrando onde se encontra Brasilândia, cidade mais próxima da aldeia ofayé.



### 2.3.1. Histórico do povo contado por um ofayé

Em se tratando da história ofayé, não há muitos fatos ou histórias para relatar sobre o modo de vida do povo, a não ser a difícil luta pela sobrevivência. Ataíde, ex-cacique da comunidade, narrou<sup>7</sup> episódios da história do povo que teve a oportunidade de conhecer.

Entre 1910 e 1920, viviam mais ou menos dois mil ofayé às margens do Rio Samambaia, município de Rio Brillhante. Com a chegada dos brancos às terras indígenas, vieram também a prostituição, as doenças, o alcoolismo, entre outros problemas e, com isso, muitos índios morreram por não resistirem aos males antes inexistentes. Conseqüentemente houve a diminuição do povo e, por volta de 1965, a comunidade ofayé já estava reduzida a mais ou menos 200 pessoas.

Por volta da década de 1970, a comunidade ofayé era estimada em somente 23 pessoas, que ocupavam uma pequena área. Segundo Ataíde, foi nessa época que o antropólogo Darcy Ribeiro considerou como extinta a comunidade. Por ser um grupo constituído por pouquíssimas pessoas, era esquecido pelo poder público: as pessoas não eram atendidas devidamente em seus direitos e necessidades. Foi somente em 1977 que receberam a primeira visita da FUNAI de Campo Grande, que transferiu a comunidade para Bodoquena, lugar em que permaneceram por oito anos, em meio a brigas com fazendeiros, índios kadiwéu (que já habitavam o local) e colonos, a fim de conseguirem terras. Expulsos pelos índios kadiwéu das terras que ocupavam, saíram de Bodoquena e vieram para Brasilândia, lugar que habitam atualmente.

Isso ocorreu ao final de 1986 e, de acordo com Ataíde, chegaram a Brasilândia sem saber para onde iriam, de modo que cada família se acomodou de acordo com suas possibilidades e o grupo espalhou-se pelas fazendas do município.

Com a ajuda do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), conseguiram arrendar um pedaço de terra em Brasilândia. Foram cedidos a eles dois hectares na barranca do rio Paraná, onde ficaram por uns doze anos, mas, com a criação da usina Sérgio Motta (ex-Porto Primavera), às margens do rio Paraná e em terras onde os ofayé estavam vivendo, foram obrigados a sair, já que tudo seria inundado. Assim, foram transferidos para a área que ocupam hoje, que é cedida pela CEESP.

---

<sup>7</sup> Comunicação pessoal

Com relação aos rituais e costumes, Ataíde afirma não existirem mais danças, comemorações, músicas, embora ainda haja o “poder” do cacique, como em toda comunidade indígena. O cacique é eleito pelo grupo, sem tempo determinado para o “mandato”: historicamente, essa função, entre os ofayé, é passada de pai para filho, porém, quando não há filhos na idade de assumi-la, a comunidade torna-se responsável pela escolha do cacique. Atualmente, o chefe da comunidade, escolhido pelo grupo, é José de Souza, primo de Ataíde, ex-cacique.

Hoje, os ofayé sobrevivem do próprio trabalho com o plantio de alimentos, como arroz, feijão, milho e abóbora, para subsistência pessoal. O que sobra vendem para a cidade de Brasilândia.

Ataíde afirma acreditar que não haverá mais índio ofayé daqui a alguns anos, em face do evidente desamparo: o órgão responsável pelos índios não oferece resguardo à comunidade e não visita a reserva indígena. Sem auxílio, torna-se difícil preservar o grupo. Relata o entrevistado que, no tempo em que era cacique, foi diferente, pois havia o apoio de entidades e de universidades, porém hoje não há mais isso, o que agrava a situação. Em decorrência disso, muitos índios estão se mudando para a cidade, pois entendem que é difícil viver na reserva indígena nas condições em que vivem. Nas palavras de Ataíde, “cada um tem que se virar como pode”.

Ultimamente, apenas acontecem visitas das igrejas evangélicas, que vão à reserva pregar a palavra de Deus, mas, segundo ele, isso contraria toda a cultura, “todo o sistema, o jeito que deve ser como índio contraria tudo, eles ficam iludidos com a pregação que eles fazem”. Várias igrejas evangélicas vão pregar na comunidade, e a maioria dos índios está aderindo a esse novo culto. No final da década de 1990, os ofayé juntavam-se com os kaiowá nos rituais religiosos, participavam de algumas danças e, com isso, as crianças estavam aprendendo e incorporando traços de uma cultura indígena, apesar de não serem ritos e costumes de seu próprio povo. Para Ataíde é preferível aderir à cultura kaiowá, que é caracteristicamente indígena, que a do não índio. Há, na aldeia, ameaça de expulsão dos índios kaiowá, que vivem com os ofayé há cerca de 15 anos. Argumenta Ataíde que esse ato é injusto, já que o convívio com eles contribui muito para o resgate do que ainda resta da comunidade ofayé. Ao falar sobre “resgate”, Ataíde refere-se que mesmo que sejam dois grupos indígenas diferentes entre si, onde cada grupo vive em ambientes culturais distintos, é preferível a fusão entre o contato de integrantes das duas culturas indígenas, no caso Ofayé e



Kaiowá, do que a do não índio. Pois, para ele o modo de vida do não índio foge dos padrões de comportamento permitido pelo qual sempre viveu e pertence, e deseja conservar, a cultura indígena.

## **2.4. Mitos ofayé**

Há alguns mitos referentes ao povo ofayé. Encontramos três mitos do povo que serão citados neste texto. De acordo com Dutra (2005), um dos mitos desse povo diz respeito à concepção do povoamento do mundo.

### **2.4.1 Povoamento do mundo**

Há muito tempo o Sol andava sempre de intriga com sua irmã gêmea, a Lua, já que naquele tempo tudo era gente, e o sol era o sabichão, sabia de tudo. Por isso, era o chefe dos homens, mas era ruim, e a Lua, ao contrário, era aliada dos homens contra o Sol.

Nesse tempo, não havia caça, os homens corriam pelo mato e não encontravam nada e, por isso, estava tudo bem ruim para eles. Então, queriam matar o Sol, pois achavam que ele era o culpado. Combinaram entre eles que pegariam o sol e assim foram, chegaram no mato seco, rodearam o Sol e atearam fogo no mato. Mas o Sol se salvou, fez uma lagoa aparecer ao seu lado e mergulhou na água. Saiu rápido e entrou na aldeia antes dos homens, que ficaram bravos quando retornaram e o viram.

Ele queria que os homens virassem bichos, mas a Lua não deixava. Para enganar a lua e os homens, o sol armou uma cilada para eles. Certa vez, o Sol chamou os homens e disse que o mato estava cheio de frutas boas. Como estavam famintos, lá se foram e se fartaram com uma jabuticabeira, onde todos subiram para apanhar as frutas. O Sol, que estava no chão, pegou um pedaço de pau e começou a balançar a árvore, fazendo uma ventania. Os homens, para se defender, pegaram uma corda e se amarraram nos galhos da árvore para não cair. Mas não conseguiram se livrar da fúria do sol, que fez cada homem virar um bicho.

O que virou anta era muito pesado, caiu e saiu correndo. Os outros que caíam foram virando quati, cotia, entre outros bichos da mata. Os que não despencaram viraram

macaco e, para não cair, pularam nas outras árvores. O último virou bugio. Ele começou a puxar os paus do mato e os fez crescer. Apareceram então as perobas e os altos cedros. Com os paus, o bugio trançou a copa das árvores, fechando o mato.

Passado algum tempo, o Sol chamou os homens para caçar outra vez e permitiu que seu filho caçasse também. Os homens estavam com medo, pois o mato tinha crescido demais. Mas tinha muita caça, bandos de macacos. O Sol atraía o macaco, que chegava perto e então o flechava para ensinar os homens a caçar.

#### 2.4.2 A origem do mel

No começo do mundo, o lobo guará era o dono do mel. Todos os dias seus filhotes amanheciam com o peito lambuzado de mel. Apenas ele e seus filhotes conheciam o mel e ninguém mais podia provar.

Todos os animais pediam mel para o lobo, mas ele não dava. Quando as crianças queriam mel, o guará dava a fruta do araticum do campo e dizia que era mel. Um dia o jaboti disse que ia conseguir trazer o mel para todos. Então, foi até a toca do guará buscar o mel que ela tinha. De tanto insistir, o guará mandou o jaboti deitar debaixo de uma porunga para chupar o mel. Falou isso para o guará com a intenção de colocar fogo embaixo do jaboti para depois comê-lo assado. Pois foi isso que fez. Colocou fogo nele, mas mesmo assim o jaboti não desistiu e continuou chupando o mel sem ligar para o fogo que havia embaixo dele. Depois de cumprir o combinado, o jaboti quis que o guará desse o mel para os companheiros dele, mas, sem pensar, o guará saiu correndo e o jaboti juntamente com os outros animais saiu atrás disposto a pegá-lo.

O lobo foi parar num capinzal, o preá tocou fogo no capim e o fogo começou a apertar. Um dos bichos achou não ter visto lobo nenhum e afirmou que viu sair voando uma perdiz. Mas o jaboti sabia que era o guará que tinha virado perdiz, e ficou observando onde ela iria pousar. Chamou os outros animais para irem até o pau em que ela estava, mas tiveram que andar muito tempo até chegar lá. O pau ficava bem na frente da casa das abelhas, onde estava um marimbondo de cupim, que não deixava ninguém se aproximar. Os passarinhos que iam experimentar o mel eram atacados pelos marimbondos. Mas então o beija-flor se

encarregou de matá-lo e o pau estava cheio de mel. Puderam, por fim, tirar o quanto desejassem de mel, já que o lobo não estava mais por perto.

#### 2.4.3 O tatu parente

Esse relato, também retirado do ISA (2005), conta um fato vivenciado pelo etnógrafo Curt Nimuendajú quando esteve entre os ofayé. A caminho do seu acampamento encontrou um tatu e o derrubou com um golpe do verso do facão no focinho, levando-o para ser um bom assado. Após a euforia inicial dos índios, um deles notou de repente que o tatu tinha uma orelha furada, fato de que decorreu uma consternação geral. Descobriram que o animal era um companheiro de tribo, pois os ofayé também tinham as orelhas furadas.

O tatu, que apenas ficara atordoado com o golpe, começou a se mover novamente, e os índios caçadores, que jamais consideravam necessário dar golpe de misericórdia numa caça, colocaram o bicho em pé e procuraram fazê-lo fugir. Tiveram, literalmente, que o ajudar a se embrenhar nos arbustos.

## CAPÍTULO 3 – A LÍNGUA E O LÉXICO

### 3.1 A língua

*Langue*, da perspectiva de Ferdinand Saussure, estudioso de questões linguísticas no início do século XX, designa um sistema linguístico abstrato de uso comum pelos falantes de uma língua. O linguista contrasta tal termo especificamente com *parole*, ou seja, enunciados realizados, *fala*. A língua é estudada por ele como um sistema, uma estrutura comum subjacente à fala, que é individual. De acordo com Cervoni (1989, p. 9) Saussure achava que a linguística devia limitar-se ao estudo da língua em si mesma e por si mesma e, pois, “a língua devia ser definida como um sistema de signos e de regras, tesouro coletivo depositado em cada cérebro, conjunto de convenções próprias de todos os locutores de um mesmo idioma, código único e homogêneo que lhes permite comunicarem-se”. Excluía os componentes da comunicação que não fosse o próprio código.

Para Câmara Jr. (1977, p. 12) “a língua aparece na comunicação por meio da fala”, ou seja, as pessoas falam umas com as outras e por meio desses sons vocais transmitem idéias, impressões, sentimentos, mas, para ele, ainda não é tal comunicação em si mesma que constitui a língua. Ao contrário de Saussure, diz que a comunicação é compreendida por meio de elementos extralinguísticos, muito importantes, porque vêm integrados na ação. Desse modo, valoriza o contexto, que exerce grande influência no processo de comunicação entre as pessoas.

Portanto, segundo o autor (1977), para que se alcance um conceito uno de língua é preciso isolar os elementos extralinguísticos da comunicação e, ainda dentro da comunicação, isolar tudo aquilo que não é especialmente comunicativo do ponto de vista rigoroso da língua.

Consequentemente, a língua é ou se torna uma representação do universo cultural entre os homens. Conforme Câmara Jr., a representação do universo cultural, na língua, se faz por meio formal, pois a língua é antes de tudo forma. “A língua se apresenta, pois, como um microcosmo da cultura. Tudo que esta última possui se expressa através da língua; mas também a língua em si mesma é um dado cultural” (ibidem, p. 18).

Para Saussure a língua é uma parte essencial da linguagem, mas em seus estudos a língua obtém mais atenção, pois é um objeto unificado e suscetível de classificação. “É um

produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos”. A língua é considerada uma estrutura constituída por uma rede de elementos. Cada elemento tem um valor funcional determinado (PETTER, 2008, p. 4).

E, para Dik (1989, p. 8-9):

a língua é concebida como instrumento de interação social entre seres humanos, com o objetivo principal de estabelecer relações comunicativas entre os usuários. Num paradigma funcional, a expressão linguística é função: da intenção do falante; da informação pragmática do falante; da antecipação que ele faz da interpretação do destinatário. E a interpretação do destinatário é função: da expressão linguística; da informação pragmática do destinatário e da sua conjectura sobre a intenção comunicativa que o falante tenha tido.

Assim, é importante observar que a relação entre a intenção do falante e a interpretação do destinatário é mediada, mas não estabelecida, pela expressão linguística. Do ponto de vista do destinatário, isso significa que a interpretação será apenas em parte baseada na informação contida na expressão linguística em si; igualmente importante é a informação que o destinatário já possui e pela qual ele interpreta a informação linguística.

Desse modo, nas palavras de Dik (1989), a linguística tem de ocupar-se de dois tipos de sistemas de regras: as regras morfológicas, fonológicas, sintáticas e semânticas (que governam a constituição das expressões linguísticas) e as regras pragmáticas (que governam os padrões de interação verbal em que essas expressões linguísticas são usadas).

### 3.2 O léxico

De acordo com Welker (2004, p.15), o termo “léxico” é originário do grego “*lexis* (palavra), *lexikós* (pertencente/concernente à(s) palavra(s), *lexikónn* (léxico/dicionário)”. São os falantes de um idioma que criam e conservam o vocabulário de uma língua. Essa afirmativa ganha sentido pelo fato de o léxico ser patrimônio de uma comunidade linguística, pois, “ao atribuírem conotações particulares aos lexemas, no uso dos discursos, os indivíduos podem agir sobre a estrutura do léxico, alterando as áreas de significação das palavras”. (BIDERMAN, 2001, p.111)

Sobre a aquisição do léxico, Basílio (1991, p. 10) afirma que “a razão básica de formarmos palavras é a de que seria muito difícil para nossa memória – além de pouco prático

– captar e guardar formas diferentes para cada necessidade que nós temos de usar palavras em diferentes contextos e situações”.

Rey (1977 *apud* WELKER, 2004, p. 15), entende o léxico de uma língua da seguinte forma: “conjunto dos morfemas (a lingüística contemporânea [...] favorece esta definição); conjunto das palavras (mas isso leva ao problema da dificuldade de definir *palavra*); conjunto indeterminado mas finito de elementos, de unidades ou de ‘entradas’ em oposição aos elementos que realizam diretamente funções gramaticais, como os determinativos, os auxiliares etc.”

São muitos os estudos sobre o léxico, porém não foi estabelecido, ainda, um conceito geral. Rey (1977 *apud* WELKER, p. 164) afirma:

Na prática, o léxico é freqüentemente considerado como conjunto de palavras com funções não ‘gramaticais’, isto é, dos nomes, verbos, adjetivos e da maioria dos advérbios; estão excluídos os morfemas presos [por exemplo, sufixos como *mente* e prefixos como *re*] e as chamadas palavras ‘gramaticais’, sendo que a fronteira é muito vaga.

Schindler (2002 *apud* WELKER, 2004, p. 16) apresenta a definição de léxico como o conjunto de itens lexicais das diversas línguas naturais. Nas suas palavras, as “concepções atuais de *léxico* incluem unidades abaixo do nível de palavra [isto é, morfemas presos, como os elementos de formações de palavras] e acima desse nível [ou seja, fraseologismo]”. Além disso, considera o léxico “como o conjunto de itens lexicais estocados na mente dos falantes (‘léxico mental’); o componente lexical de uma teoria gramatical; e o componente lexical de um programa de processamento automático da linguagem (por exemplo, de tradução automática); mas, em geral, usa-se o termo ‘dicionário (eletrônico)’”.

Lorente (1998 *apud* ISQUERDO, 2001, p. 20) considera:

o léxico situado em uma espécie de intersecção lingüística que absorve informações provindas de caminhos diversos: dos sons (fonética e fonologia), dos significados (semântica), dos morfemas (morfologia), das combinações sintagmáticas (sintaxe) ou do uso lingüístico e das situações comunicativas (pragmáticas). Não há unidade lexical sem que algum destes aspectos esteja presente, de modo que a variação que afeta as palavras também tem origem em algum destes componentes.

Para Biderman (2001, p. 179.) o léxico é gerado a partir do conflito entre indivíduo e sociedade:

O léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos. Abrange todo o universo conceptual dessa língua. Qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo de sua cultura através das idades. Os membros dessa sociedade funcionam como sujeitos-agentes, no processo de perpetuação e re-elaboração contínua do léxico da sua língua. Nesse processo em desenvolvimento, o Léxico se expande, se altera e às vezes, se contrai. As mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos vocabulares; daí resulta que unidades ou setores completos do Léxico podem ser marginalizados, entrar em desuso e vir a desaparecer. Inversamente, porém, podem ser ressuscitados termos que voltam à circulação, geralmente com novas conotações. Enfim, novos vocabulários, ou novas significações de vocábulos já existentes, surgem para enriquecer o Léxico.

Dessa expansão do léxico como foi dito, pode surgir novos vocábulos, novas palavras, isso por meio de relações semânticas como o neologismo, a onomatopéia, entre outros. E isso só pode se tornar possível, por meio dos falantes que são os atuantes nessa mudança na língua, tanto para o surgimento de novas palavras, como para o desaparecimento delas. Todo esse processo dependerá do momento cultural e social, pois sabemos que o léxico está ligado a esses dois aspectos presentes na coletividade.

Ilari (2006) apresenta o léxico como o vocabulário de uma língua e, especificamente em linguística, o inventário total de palavras disponíveis aos falantes. O autor divide-o em *vocabulário ativo*, ou seja, uma determinada linguagem que o falante compreende e de que faz uso, e *vocabulário passivo*, considerado como as palavras que são compreendidas pelos falantes, mas que não são utilizadas por eles. Remete a um estudo sobre o *léxico mental*, de interesse dos psicolinguistas, não relacionado com o estudo do léxico avaliado no seu todo, mas sim às palavras armazenadas nos cérebros dos indivíduos.

Ainda segundo o autor, estudos confirmam que palavras com sentido próximo ou pertencentes à mesma classe gramatical são registradas no cérebro “no mesmo lugar”, ou seja, as palavras não são armazenadas separadamente, mas uma fazendo remissão a outras que possuem em comum o sentido, a função ou a forma sonora apenas.

Se tratando do significado, pode-se dizer que os sujeitos que mais geram a semântica das línguas, de maior criatividade e competência lingüística, são os escritores e poetas. Eles possuem mais liberdade com as palavras, brincam com o sentido e suas formas. Com isso a formação, “do universo semântico se estrutura em torno de dois pólos opostos: o indivíduo e a sociedade. Desta tensão em movimento se origina o Léxico”. Biderman (2001, p. 179)

Com relação à categorização lexical, a hipótese de Sapir-Whorf (1949, 1958 *apud* BIDERMAN, 2001, p. 109) foi muito divulgada em meio a antropólogos e linguistas, sobretudo nas décadas de 1950 e 1960. Para os autores:

a conceptualização da realidade se revela claramente nas estruturas gramaticais e semânticas das línguas. Em outras palavras: todo sistema lingüístico manifesta, tanto no seu léxico como na sua gramática, uma classificação e uma ordenação dos dados da realidade que são típicas dessa língua e cultura com que ela se conjuga. Ou ainda: cada língua traduz o mundo e a realidade social segundo o seu próprio modelo, refletindo uma cosmovisão que lhe é própria expressa especificamente nas suas categorias gramaticais e léxicas.

Quando se investiga um povo extinto uma das formas de se compreender a cultura daquele povo é por meio da observação do léxico. Pois, deste modo, o povo que vive da pesca, por exemplo, possui campos semânticos adequados ao modo de vida vividos por eles. As atividades cotidianas acabam sendo base para sua realidade lingüística. Dessa forma, o léxico é o reflexo do modo de vida de qualquer sociedade. Mesmo extinta, suas idéias e conceitos permanecem intensamente marcadas na estrutura lexical da língua. Portanto, Sapir (*ibidem*) afirma que “a língua socialmente formada influencia, por sua vez, a maneira pela qual a sociedade concebe a realidade”. Portanto, a linguagem tem função heurística, pois “as suas formas predeterminam para nós, certos modos de observação e interpretação”.

No entanto, Sapir (*ibidem*, p. 110) argumenta que:

os seres humanos não vivem só no mundo objetivo, ou só no mundo da atividade social como normalmente se admite, mas vivem quase totalmente à mercê da língua específica que se tornou o meio de expressão para a sua sociedade. É bem ilusório imaginar que alguém possa fundamentalmente ajustar-se à realidade sem o uso da linguagem e que a língua seja apenas um recurso qualquer para resolver problemas específicos de comunicação ou reflexão. O fato é que ‘o mundo real’ é, em grande parte, construído inconscientemente sobre a base dos hábitos lingüísticos do grupo. Não existem duas línguas, por mais semelhantes que sejam, que possam ser consideradas como representantes da mesma realidade social. Os mundos em que vivem as diferentes sociedades são mundos distintos e não apenas um só e mesmo mundo, ao qual se teriam apostado etiquetas diferentes.

A teoria exposta tem por base o fato de que a percepção que o falante tem da realidade é, de certa forma, pré-moldada pelo sistema lingüístico falado, isso porque “as categorias existentes na língua predispõe para certas escolhas de interpretação do real” da língua que tendem para certas escolhas da realidade. Whorf (1958 *apud* BIDERMAN, 2001, p. 111) afirma que “o sistema lingüístico subjacente a cada língua (em outras palavras, a



gramática) não é apenas um instrumento de reprodução para emitir idéias, mas é sobretudo um modelador de idéias, o programa e o guia para a atividade mental do indivíduo”.

Portanto, o léxico proporciona meios de estudos descritivos de línguas que já não são mais faladas, como o latim e outras línguas. Assim, quanto mais línguas conhecermos e quanto mais formas diferentes usarmos para avaliá-las, estaremos conhecendo mais formas de caracterização do mundo.

No que diz respeito às línguas indígenas, os falantes também são peças-chave para a perpetuação da língua e renovação do léxico, no entanto é importante que conservem esse bem imaterial. Como já afirmamos, de acordo com Biderman (2001, p.179),

qualquer sistema léxico é a somatória de toda experiência acumulada de uma sociedade e do acervo de sua cultura através da idade [...] embora o Léxico seja patrimônio da comunidade lingüística, na prática, são os usuários da língua – os falantes – aqueles que criam e conservam o vocabulário dessa língua.

Para muitas comunidades indígenas, assim como para os ofayé, há, no entanto, problemáticas para conservar a língua, vivem em situação precária e não possuem mais rituais característicos de um povo indígena. Consequência de ter aceitado a língua Portuguesa e sua cultura com a vinda dos portugueses para o Brasil que dominaram os indígenas e suas terras.

## CAPÍTULO 4 – ALGUNS CONCEITOS E PRINCÍPIOS PARA A OBRA LEXICOGRÁFICA

### 4.1 Lexicologia e Lexicografia

A Lexicologia e a Lexicografia são ciências que possuem o mesmo objeto de estudo, o léxico, porém abordado por diferentes perspectivas.

A Lexicografia volta-se para a confecção e a organização de dicionários de uma língua. Há várias questões a serem discutidas no preparo de um dicionário, encontradas no âmbito dessa ciência. De acordo com Ullman (1964, p.64), em face do papel decisivo da palavra na estrutura da língua, a linguística exigiu um ramo especial para fazer seu estudo. Já a Lexicologia é a ciência que estuda não apenas o léxico, mas também “todos os tipos de morfemas que entram na sua composição”, o que implica prefixos e sufixos não derivativos, entre outros.

No domínio dos estudos lexicológicos há, segundo Ullman (1964), algumas disciplinas que têm espaço significativo para o sucesso da disciplina: a Morfologia, estudo da forma das palavras e seus componentes, a Semântica, estudo dos significados, e a Etimologia, estudo da origem das palavras.

Pelo fato de o objeto de estudo da Lexicologia e da Lexicografia ser o mesmo, costuma haver conflito quanto à delimitação de cada conhecimento. Essas ciências possuem também uma finalidade muito próxima, talvez, complementar. Nas palavras de Dapena (2002), podemos comprovar que não há um acordo, uma decisão unânime sobre a abrangência teórica dessas ciências. Para Barbosa (1990):

Lexicologia e Lexicografia configuram duas atitudes, duas posturas e dois métodos, face ao léxico: a Lexicografia, como técnica dos dicionários; a lexicologia, como estudo científico do léxico. Na realidade a complexa questão se estende à própria multissignificação de tais disciplinas.

Há várias concepções quanto à fronteira teórica entre as duas disciplinas. Há quem as considere duas áreas do conhecimento iguais, mas, segundo Dapena (2002), com cujos argumentos concordamos, esse é um posicionamento já superado. De acordo com o autor, há, por um lado, a hipótese de que as disciplinas sejam interdependentes, assim como o são os

lados de uma moeda; por outro, há a suposição de que exista uma separação mais nítida atribuída às duas ciências, posto serem seus objetos completamente diferentes. (DAPENA, 2002).

Marouzeau (1943 *apud* DAPENA, 2002, p. 16) define Lexicologia e Lexicografia como dois grupos fundamentais e compartilha da mesma concepção de Dapena (2002):

en primer lugar la de aquellos que, partiendo de una identidad de objetos, consideran que ambas disciplinas son como las caras de una misma moneda, de suerte que sus diferencias corresponderían más bien a su extensión o a una diversidad de puntos de vista, y en segundo término, la de quienes son partidários de una separación más neta, atribuyendo a lexicografía y lexicología objetos completamente diferentes.

Já Ullmann (1964), com seus estudos estruturalistas, defende um posicionamento radical: a Lexicografia está fora da linguística, por ser apenas uma prática específica para a confecção de dicionários.

Seguindo essa linha de pensamento, Matoré (1953 *apud* DAPENA, 2002, p. 17) estabelece a distinção entre Lexicologia e Lexicografia com base no ponto de vista, que é analítico, na Lexicografia, e sintético, na Lexicologia, ou seja: aquela estuda o vocabulário, palavra por palavra; esta Lexicologia se preocupa com princípios e leis gerais que regem o vocabulário.

Para Dapena (2002), a busca da identidade do objeto das disciplinas é algo complexo. A Lexicologia representaria o tratado do léxico, ao passo que a Lexicografia viria a ser, literalmente, a descrição do léxico. Assim, possuiriam o mesmo objeto, porém observado por perspectivas diferentes: a Lexicologia tem como função explorar todas as condições lexicais, com o objetivo de obter todas as informações possíveis sobre o léxico de uma língua, enquanto a Lexicografia estuda a palavra isolada, privilegia o caráter particular e o concreto, ao contrário daquela, que ressalta o caráter geral e abstrato.

H. Josselson (1966 *apud* DAPENA, 2002, p. 17), por sua vez, atribui à Lexicologia uma tarefa mais precisa; afirma que consiste na recompilação de materiais léxicos. Já à Lexicografia cabe a organização de materiais com vistas à elaboração de dicionários. De acordo com o autor, a Lexicografia não é mais que uma atividade particular de outra mais ampla e geral, a Lexicologia.

Para Werner (1982), tanto a Lexicografia como a Lexicologia são:

descripciones del léxico de un sistema lingüístico individual o colectivo, pero con la diferencia de que, mientras la primera se ocuparía de las unidades léxicas individuales o concretas, esto es, sin referencia al paradigma de que forman parte, la segunda estudiaría las regularidades formales referentes al significante y al significado, por lo que constaría de dos partes claramente diferenciadas: la morfología léxica y la semántica léxica, que se ocuparían respectivamente de estos planos. (p. 271)

Como foi exposto, alguns linguistas assumem uma distinção mais clara entre a Lexicologia e a Lexicografia, mas, para Dapena (2002, p.18) a Lexicografia não se ocuparia somente do vocabulário propriamente, mas também dos métodos e técnicas usados na elaboração de um dicionário. Seguindo essa posição, expõe que, ao contrário da Lexicologia, a Lexicografia não seria uma ciência, mas uma técnica ou arte no sentido amplo da palavra.

Para Ullmann (1964, p. 34), a Lexicologia, junto com a fonologia e sintaxe, constitui os três pontos estruturadores da linguística, e a Lexicografia, como já foi dito, seria uma técnica especial, fora da área da linguística especificamente, dirigida para a confecção de dicionários. Greimas e Courtes (1982 *apud* DAPENA, 2002, p. 18) entendem que a Lexicografia se estenderia para a linguística aplicada, de que resultaria uma distinção, dentro da Lexicografia, em duas perspectivas: “lexicografía teórica o también metalexigrafía, por consistir en un estudio cuyo objeto es la lexicografía como produto, esto es, los propios diccionarios, que son, por su parte, el resultado de la actividad lexicográfica o lexicografía práctica.” (DAPENA, 2002, p. 23). Consequentemente, há dois “lados” na Lexicografia: o que faz dicionários e o que critica um dicionário já concluído.

Quanto ao dicionário, o autor afirma ser impossível definir em poucas palavras sua caracterização. Ao consultar um dicionário, o usuário possui os seguintes objetivos: comprovar se um uso é correto, conferir se é aceito pela comunidade falante; aprender a decodificar um determinado vocábulo. No primeiro caso, o dicionário desempenha um papel passivo; no segundo, pelo contrário, desempenha um papel ativo, por ser um meio de contribuir para o aumento de conhecimentos léxicos de uma língua.

A estrutura de ordenação apresentada por um dicionário distingue uma obra lexicográfica organizada por ordem alfabética de um dicionário ideológico. Mais especificamente, as dúvidas de um usuário podem variar quanto ao significado ou significante de um vocábulo, tratando-se assim de interpretação ou de decodificação, sendo esses aspectos mais frequentes na apresentação de um dicionário. Mas também pode acontecer de um

usuário desejar encontrar uma palavra para expressar uma determinada idéia, de que vai decorrer a ênfase no significante; trata-se, então, de dúvidas de expressão ou codificação.

Com isso, há a distinção entre dicionário alfabético, de tipo semasiológico, que parte do termo para o significado, e dicionário ideológico, de caráter onomasiológico, que, ao contrário, parte do significado para o termo. Para Dapena (2002), a ordenação e estruturação de um dicionário, embora não responda a critérios científicos, possui uma defesa prática indiscutível.

Mas um dicionário não se restringe somente às dúvidas de significação, que é a forma principal de sentido, pois um vocábulo não se esgota somente no que concerne a essas informações. Um dicionário possui condições de sanar muitas questões, como, por exemplo, a forma etimológica de uma palavra, seu caráter comum, regional, poético, classe gramatical, separação das sílabas. Um dicionário oferece, portanto, conteúdo e estruturas diferentes de acordo com sua finalidade. Disso vem a dificuldade de caracterização geral de um dicionário, de se encontrar uma definição que seja válida para todo tipo. Assim, o conceito e o alcance de um dicionário variam, pois é uma obra de consulta que abrange várias perspectivas.

Biderrman (1989, p. 129), por sua vez, considera que o dicionário de língua representa uma tentativa de descrição do léxico de uma língua, tarefa inglória nos dias de hoje, por não dizer impossível, em face da velocidade em que as mudanças no uso ocorrem, gerando um crescimento do léxico, motivado, particularmente, pelas rápidas mudanças socioculturais e tecnológicas.

A autora aponta para a existência de diversos tipos de dicionários monolíngües: os dicionários de língua, os ideológicos, temáticos ou especializados, os dicionários históricos, os etimológicos e os terminológicos, estes últimos voltados para uma área específica do conhecimento.

Lidando com os dicionários de língua, Biderman (1989) classifica os diversos tipos existentes com base em dois aspectos: sua macroestrutura ou nomenclatura, representada pela quantidade de palavras-entrada que o dicionário contém, e sua microestrutura, representada pelo modo como as unidades léxicas constituirão cada uma das entradas. A macroestrutura do dicionário marcará então a sua configuração e, conseqüentemente, o público-alvo.

A autora considera quatro modelos: o dicionário-padrão, com uma nomenclatura entre 50.000 e 70.000 verbetes (entradas); o dicionário-escolar, com aproximadamente 25.000

entradas; o dicionário-infantil destinado ao público da faixa etária que vai dos 7 aos 10 anos, com uma nomenclatura de 10.000 entradas; e o dicionário-infantil destinado aos usuários com menos de 7 anos. (BIDERMAN, 1989, p. 129-130)

Segundo Dapena (2002), o enunciado lexicográfico tem o objetivo de oferecer várias informações sobre uma palavra ou unidade léxica, informações estas que podem referir-se a vários aspectos, entre os quais geralmente a prioridade é o semântico. Oferece dois níveis metalinguísticos diferentes: um denominado metalíngua de conteúdo, ou primeira metalíngua, que corresponde a definições que servem para formular equivalências semânticas, e um segundo nível, chamado de metalíngua de signo ou segunda metalíngua, que se limita a indicações gramaticais, etimológicas.

Este trabalho situa-se no campo dos estudos lexicológicos, já que faz um estudo sobre o léxico ofayé,

#### **4.2 Lexicografia e Semântica**

De acordo com Ullman (1964, p.64), a Semântica qualifica-se geralmente como o estudo do significado das palavras propriamente ditas, mas não só da palavra, pois analisa também outros elementos que constituem uma palavra, como o significado de um sufixo ou um prefixo. Os estudos semânticos, pouco antes das décadas de 1930 e 1940, não eram reconhecidos; o estudo do significado era excluído da linguística, particularmente pela teoria estruturalista. Com isso, essa ciência tornou-se parte de cursos linguísticos em algumas universidades e assunto frequente de pesquisa de pós-graduação apenas em décadas mais recentes.

A relação entre a Lexicografia e Semântica é significativa, pois o estudo do significado é um aspecto muito importante dentro de uma obra lexicográfica, mas um dicionário não se resume somente no estudo semântico, embora seja a principal motivação da consulta. (DAPENA 2002, p. 193). Além das informações semânticas contidas em um dicionário, há também outras, as gramaticais, como dados sobre a flexão da palavra. Podemos dizer que nos dicionários há, com frequência, considerações gramaticais.

Assim, um dicionário basicamente contém o significado das palavras e informações gramaticais. Desse modo, no que tange ao estudo do significado, a Semântica se equipara com a Lexicologia. Isso porque a Semântica é uma ciência que faz parte dos estudos

lexicológicos. De acordo com Zgusta (1971), o “lexical meaning stands in the center of the lexicographe’s attention”.

Contudo, o aspecto mais importante a ser explorado em um dicionário dependerá muito do lexicógrafo. Dapena (2002) compartilha a ideia de que a informação mais buscada pelo usuário de um dicionário é a informação semântica, o significado, porém enfatiza que um dicionário não é um estudo somente semântico, apesar de ser um aspecto muito importante e insubstituível.

Tais informações semânticas em um dicionário consistem no que alguns autores, como Dapena (2002) e Barbosa (1996 p. 107), chamam de *enunciado lexicográfico*. Exemplo:

**Bar.ra.ca** sf. **1**. Abrigo portátil de lona, náilon etc., apoiado em um mastro ou mais e ger. preso por cordas atadas em ganchos fixados no solo; tenda (*b. de campismo*) **2** construção temporária de materiais leves, ger. Tábuas e lona, de fácil transporte (*b. de frutas numa feira*) **3** B guarda-sol de amplas dimensões, us. Por banhistas nas praias, em piscinas, terraços etc. **4** B *infrm.* m.q. GUARDA-CHUVA **5** cabine onde os banhistas mudam de roupa, nas praias **6** m.q. BARRACÃO (‘abrigo’) **7** m.q. CABANA (‘habitação’) **8** B S. casa comercial especializada em couros, lãs e outros produtos de origem pastoril **9** P *infrm.* confusão, problema, briga, desentendimento **10** ANG dito irrelevante ou tolo, despropósito, bobagem, disparate, **armar uma b.** P armar confusão, dar vexame, fazer escândalo (*armou grande b. na porta do teatro*) **dar** ou **haver** b. P haver confusão, problema, briga. GRAM dim.irreg.: *Barraqueta, barraquim*. ETIM orig. contrv.; ver *barrac- e barr-*; f.hist. 1644 *barraca* ‘abrigo para soldados em campanha’, 1712 *barraca* ‘abrigo rústico de pescadores ou pastores’. COL barracame, abarracamento. <sup>8</sup>

### 4.3 Lexicografia e Gramática

Para as gramáticas cabe o objetivo de nos apresentar a norma culta da língua detalhadamente, em todos os seus aspectos. Desse modo, um dicionário não necessita ser abrangente em suas explicações gramaticais; precisa informar somente o básico, como a classe gramatical, separação silábica e exemplos em diferentes contextos ou sentidos. A escolha das informações que constituirão o verbete de um dicionário não é, portanto, tarefa fácil. Para Dapena (2002), é preciso ter o máximo de informações sobre as palavras, sem que a exposição se torne exaustiva. É preciso que o lexicógrafo tenha a sensibilidade de fazer as escolhas certas. Já que existem as gramáticas, os dicionários não têm o dever especificamente

<sup>8</sup> HOUAISS, Antônio. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001.

gramatical e nem enciclopédico. É preciso respeitar o limite entre essas duas áreas na compilação de uma obra lexicográfica.

#### 4.4 A macroestrutura

Biderman (1989) considera que o dicionário de língua representa uma tentativa de descrição do léxico de uma língua, tarefa (quase) impossível, em face da velocidade das mudanças no uso. E isso gera um crescimento do léxico, motivado, particularmente, pelas rápidas mudanças socioculturais e tecnológicas.

A autora menciona diversos tipos de dicionários monolíngues: os dicionários de língua, os ideológicos, temáticos ou especializados, os dicionários históricos, os etimológicos e os terminológicos, estes últimos voltados para uma área específica do conhecimento.

Segundo a autora, há quatro modelos: o dicionário-padrão, com uma nomenclatura entre 50 e 70 mil verbetes (entradas); o dicionário-escolar, com cerca de 25 mil entradas; o dicionário-infantil destinado à faixa etária entre 7 e 10 anos, com uma nomenclatura de 10 mil entradas; o dicionário-infantil destinado aos usuários com menos de 7 anos (*idem*).

Os dicionários não são, portanto, simples aglomerados de verbetes. A cada tipo estão ligados elementos, que vão desde o objetivo (área e público-alvo; onde deverá ser usado) até sua relação com a época da publicação. A diferenciação entre tipos de dicionário de língua (minidicionário, escolar, entre outras) implica a relação entre este e um determinado público-alvo ou seu uso, o que pode restringir os sentidos mais ou menos estabilizados de uma determinada época.

##### 4.4.1 Sobre as entradas

De acordo com Dapena (2002, p.136), há dois sentidos para o termo *entrada*: primeiro, em sentido estrito, toma como unidade o que é objeto de um artigo lexicográfico independente do dicionário; segundo, em sentido lato, como qualquer unidade léxica sobre a que o dicionário, seja em sua macroestrutura ou microestrutura, oferece informações. Assim,



podemos distinguir dois tipos de entradas: as entradas propriamente ditas, que formam enunciados ou cabeça de artigo, e as chamadas subentradas, que estão no campo da microestrutura, ou seja, de acordo com o autor, não estão sujeitas a lematização.

Rey-Debove (1971 *apud*, WELKER, 2004, p. 51) define macroestrutura como “o conjunto das entradas” de outra perspectiva, refere-se à forma como o corpo do dicionário é organizado. Nesse sentido, traz várias questões que podem ser suscitadas sobre a organização de um dicionário: se o arranjo das entradas é por ordem temática ou alfabética, se os verbetes possuem todos os mesmos formatos, se há ilustrações ou tabelas no meio dos verbetes, ou ainda se informações sintáticas ou outras estão colocadas fora do bloco do verbe.

Segundo Welker (2004), normalmente as entradas são ordenadas em ordem alfabética, mas podem ser também, por exemplo, organizadas pela pronúncia, mas essa não é a forma mais usual. Assim, o arranjo alfabético pode ocorrer de diversas maneiras: por ordem alfabética linear, por ordem alfabética com agrupamentos e por ordem não estritamente alfabética com agrupamentos.

Em se tratando do tamanho da nomenclatura, o fator mais importante nessa decisão é a determinação do lexicógrafo ou da editora a respeito do tipo de dicionário que desejam produzir. Biderman (2001) e Dapena (2002) concordam com o fato de que nenhum dicionário dará conta integralmente do léxico de uma língua, por mais volumoso que ele seja. Afirmam ainda que o conteúdo descrito em uma obra lexicográfica jamais será usado integralmente pelos usuários da língua: mesmo os mais competentes falantes do idioma não darão conta, nem no seu vocabulário ativo, nem no passivo.

Há uma quantidade excessiva de entradas em dicionários, como, por exemplo, os lexemas que são obsoletos, os termos técnicos e científicos, os termos exclusivamente literários, que excedem o necessário para a compreensão de textos em uma determinada língua. Há, ainda, lexemas existentes nos dicionários que possuem baixa frequência de uso pelos falantes de uma língua, mesmo em sua forma escrita. A seleção dos lemas para a elaboração de um dicionário depende do objetivo desejado para tal obra, ou seja, do tamanho do dicionário e do seu público-alvo (*ibidem*).

Dessa concepção surgem pesquisas, como a de Béjoint (2000, p.180), que investiga se as palavras mais frequentes realmente devem constar nos dicionários, isso por serem raramente consultadas. Com relação a esse assunto, os lexemas mais frequentes são os polissêmicos, que devem ser apresentados com seus vários significados. Biderman (2000)

também diz que a frequência de uso das palavras pelos falantes é um critério fundamental de seleção para as entradas em um dicionário. É preciso fazer um levantamento lexical e observar o número de ocorrências de uma palavra para que possa ser registrada.

Até mesmo utilizando o critério da frequência, um lexicógrafo, de acordo com Welker (2004), deve decidir se alguns elementos realmente serão lematizados, como os nomes próprios, siglas e abreviaturas, formas flexionadas opacas, formas consideradas incorretas pelos puristas, palavras *tabus*, lexemas depreciativos, estrangeirismos, gírias e lexemas polilexicais. Se um dicionarista registra tais signos, será necessário decidir se seguirá o critério de frequência rigidamente, lematizando esses signos em ordem decrescente do número de ocorrências, ou se prefere incluir algumas palavras “normais” menos frequentes em detrimento de outras, como, por exemplo, de um estrangeirismo ou de uma sigla mais frequente. O autor acredita, portanto, que a frequência é fundamental para a seleção. Justifica isso ao dizer que o consulente gostaria de encontrar no dicionário todos os signos linguísticos que pode achar nos textos não especializados. Assim, o lexicógrafo deveria registrar todos aqueles que os usuários vão consultar com maior probabilidade.

Os nomes próprios não costumam ser considerados como parte integrante do léxico, por isso são raramente incluídos nos dicionários monolíngues. Quanto às siglas, Welker (2004) faz uma crítica. Contudo em dicionário de trabalhos indígenas há motivação semântica nos nomes próprios. Em ofayé a informante Margarida possui um nome na língua, “jahtə”, que significa *amargo*. Diz ser compreensível, entre os dicionários menos extensos, não incluí-las, mas diz ser difícil entender por que um dicionário como o Houaiss registra somente, por exemplo, siglas como *MG*, mas não outras siglas importantes como *INSS*, *DETRAN* e *SUDENE*.

Outra questão que os lexicógrafos precisam decidir é a respeito da dicotomia polissemia e homonímia, que também vai influenciar no número de verbetes de um dicionário. Haensch (1982) acredita que a “solução prática mais viável nos dicionários semasiológicos que não dão indicações sobre a etimologia é não diferenciar entre os casos de homonímia e polissemia, já que os critérios para distingui-los são insuficientes e insatisfatórios”. Não é, no entanto, isso que acontece; a tendência é separar homônimos, e, assim, há um aumento da macroestrutura, por haver um maior número de entradas.

Outra decisão importante para os lexicógrafos diz respeito aos lexemas polilexicais (ou complexos). O número de verbetes também aumentará se o lexicógrafo

decidir lematizá-los. Nas palavras de Welker (2004, p. 102), “*polilexical* significa que o item é composto de várias palavras e que *palavra* é uma letra ou um conjunto de signos linguísticos entre espaços”. Assim, lexemas compostos grafados com hífen não são itens polilexicais. Segundo ele, na maioria dos dicionários os lexemas polilexicais não são lematizados. Seguem alguns exemplos desses lexemas citados por Welker (2004, p. 106): céu da boca, tomar chá de cadeira, chá de caridade, dia da semana, dor de barriga, dor de cabeça, estrada de ferro, fim de semana.

## 4.5 A microestrutura

### 4.5.1 Cabeça de verbete

Welker (2004) apresenta as várias concepções de microestrutura a partir de Baldinger (1960 *apud* WELKER, 2004, p. 107) define “microestrutura<sup>9</sup>” como as diversas acepções de uma palavra. Rey-Debove (1971 *apud* WELKER, 2004, p. 107) chama de “microestrutura” as informações contidas no verbete após a entrada. Há uma preocupação por parte da autora e também de Barbosa (1996 *apud* WELKER, 2004, p.107) quanto à microestrutura. Ambos denominam como verbete o conjunto de *entrada* + *enunciado*. Já Wiegand (1989 *apud* WELKER, 2004 p. 108) contraria esta idéia e diz que para diversos tipos de lemas, pode haver diversas formas de microestruturas, de modo que a padronização deve ser seguida dentro de cada tipo de verbete. Propõe apresentar uma divisão, em que o verbete é constituído pelo comentário sobre a forma e sobre o comentário do conteúdo semântico. Welker (2004, p. 108) relaciona os tipos de informações mais importantes que se encontram nos verbetes de uma obra lexicográfica, que são basicamente: informações sincrônicas e diacrônicas sobre o lema, marcas de uso, informações explicativas, informações sintagmáticas, informações pragmáticas, informações semânticas, observações, ilustrações, símbolos e remissões.

Logo, Hausmann e Werner (1991 *apud* WELKER, 2004, p. 109) analisam os possíveis tipos de microestruturas básicas que podem ser encontradas nos dicionários do

---

<sup>9</sup> Os componentes da microestrutura expostos neste texto têm como base teórica o que será importante para a apresentação do vocabulário.

léxico geral de uma língua, pelos autores ditos “normais”. Os autores dividem em: microestrutura *integrada* (as informações sintagmáticas são apresentadas em cada acepção); *não integrada* (as informações sintagmáticas aparecem no final do verbete, muitas vezes em um bloco à parte, sendo separadas das acepções); *semi-integrada* (assemelha-se à *não integrada*, mas os sintagmas que estão no final recebem números referentes à acepção à qual pertencem); e *parcialmente integrada* (que difere da *integrada* pelo fato de ter alguns sintagmas colocados no final, separados, por não estar claro a que acepção pertencem).

Deste modo, há vários componentes que constituem a microestrutura, dentre os quais faz parte a *cabeça do verbete*. Este é um termo metalexigráfico e pouco adotado em português e em outras línguas, e seus equivalentes são pouco difundidos. Segundo Welker (2004, p. 110), “Compreende o lema e as informações anteriores à definição ou às definições (ou equivalentes, nos dicionários bilíngües), essas informações são as variantes ortográficas, a pronúncia, a categoria gramatical, informações flexionais e/ou sintáticas, a etimologia e marcas de uso.”

Com isso temos diferentes perspectivas na definição dessa nomenclatura. Welker (2004) diz ser possível simplesmente dividir o verbete em lema e, por outro lado, todas as informações dadas sobre ele. Considera, no entanto, o conceito “cabeça do verbete” especialmente vantajoso no caso dos lexemas polissêmicos, por serem a maioria, permitindo diferenciar as informações válidas para todas as acepções daquelas que se referem apenas a uma determinada acepção.

## CAPÍTULO 5 – ALGUNS CONCEITOS MORFOLÓGICOS DA LÍNGUA OFAYÉ

### 5.1 Segmentos consonantais<sup>10</sup>

De acordo com nossa pesquisa e dados, nos deparamos com alguns segmentos consonantais e fonemas que não foram compatíveis com os dados obtidos no trabalho de Oliveira (2006). Foi notado na coleta de nossos dados que a fricativa labializada não é representada pelo fonema [f], mas sim, [ɸw]. A fricativa labiodental [f] não foi encontrada. Também não foram encontradas a oclusiva pós-nasalizada alveolar [t<sup>n</sup>], a oclusiva labializada dorsal [k<sup>w</sup>], e a oclusiva pós-nasalizada dorsal [k<sup>n</sup>]. Encontramos o segmento oclusivo pós-nasalizados alveolar [d<sup>n</sup>], que não fazia parte do quadro ilustrado abaixo.

	Labiais	Láb. Dentais	Alveolares	Palatais	Dorsais	Glotais
Oclusivas			t d		k g	ʔ
Ocl. Labializada					k <sup>w</sup> g w ø	
Ocl. Pós-nasalizadas			t <sup>n</sup> ø d <sup>n</sup>		k <sup>n</sup> ø g <sup>n</sup>	
Nasais			n	ɲ		
Fricativas		f ø		ʃ		h
Fric. Labializadas		f <sup>w</sup> ɸw				h <sup>w</sup>
Africadas				tʃ d ʒ		
Tepe			r			
Semiconsoantes	w			j		

#### Segmentos Consonantais (OLIVEIRA, 2006)

<sup>10</sup> No quadro de segmentos consonantais de Oliveira (2006) colocamos em negrito os segmentos encontrados nos dados da nossa pesquisa.

## 5.2 Aspectos morfológicos

Este item baseia-se na tese de Oliveira (2006) e contém, resumidamente, aspectos morfológicos da língua ofayé que avaliamos importantes para melhor entendimento do próximo capítulo. Portanto, mencionamos somente as características que consideramos importantes para o nosso trabalho. Seguimos, aqui, a nomenclatura de Oliveira (2006).

### 5.2.1 A classe dos substantivos em ofayé

Iremos abordar a classe dos substantivos, tendo em vista que o vocabulário será constituído apenas por nomes. Segundo Shopen (2007, p. 5), uma conveniente e tradicional definição para nomes é designar ou rotular classes de palavras que ocorrem na maioria das vezes com pessoas, lugares e coisas.

Para o autor, a distinção entre substantivos e verbos é uma das poucas partes da linguagem que parecem ser peças universais no discurso. Embora esta distinção, por vezes tenha sido questionada. Por conveniência, o autor adapta a definição tradicional de substantivos, atribuindo um rótulo para a classe de palavras em que ocorre os nomes da maioria das pessoas, lugares e coisas

Portanto, não é um motivo de preocupação se a classe dos substantivos inclui, como normalmente faz, palavras que não são os nomes das pessoas, lugares, ou se alguns nomes são encontrados em alguma outra classe. Pode ser útil, porém, tentar ir além dessas definições tradicionais para uma compreensão mais profunda da semântica. Neste contexto, o autor considera algumas propostas feitas por Langacker e Wierzbicka (1987, 1986, apud SHOPEN, 2007, p.5).

Langacker, trabalhou exclusivamente com dados do Inglês, e de acordo com Shopen (2007) defende certas propriedades semânticas universais dos substantivos e verbos. Para substantivos, propõe, não as relações do primeiro plano, mas designar "uma região em algum domínio". Os verbos, por outro lado, relações de novos conhecimentos. Considere, por exemplo, a diferença de significado entre as seguintes frases citadas pelo autor:

1 – *The principal is speaking in the next room* - O principal é falar na sala ao lado

2 – *The principal's speech is in the next room* - O discurso principal ocorre na sala ao lado

A primeira frase, usando o *verbo* falar, evoca a imagem de uma audiência em que o principal objetivo é a comunicação entre eles. A segunda frase, utilizando o substantivo *discurso*, por outro lado, pode simplesmente servir para localizar uma entidade física, não há necessariamente qualquer audiência ou qualquer comunicação. Evidentemente que alguém pode ler o discurso (e os sujeitos poderiam ler ou recitar em voz alta para uma platéia), caso em que a comunicação teria lugar, mas poderia também ser lido sem comunicação. Assim, a relação de comunicação não está em primeiro plano. (SHOPEN, p.5)

A língua Ofayé possui a ordem básica SOV<sup>11</sup> como nos exemplos a seguir:

01- [ahteho òta aki]

SUJ OBJ VER

A menina me viu

Morfologicamente, o nome caracteriza-se pelo recebimento de prefixos de posse, sufixos derivativos – aumentativo e diminutivo – e um sufixo flexional – número. Tal comportamento morfológico da língua Ofayé já foi descrito por Gudschinsky (1974, p. 193), que apresenta para sua interpretação a seguinte explicação: “os nomes se definem como a classe de elementos lexicais que apresentam a estrutura interna: prefixo de pessoa obrigatório ou optativo, sufixo derivacional optativo (aumentativo ou diminutivo), sufixo de plural optativo”.

Em ofayé, a posse é marcada por um prefixo cuja posição é imediatamente anterior à raiz nominal, como: {a- ~ ã-} (alienáveis), {ə- ~ ã-} (inalienáveis). Em termos gerais, de acordo com Oliveira (2006, p. 102), a língua ofayé parece adotar o comportamento mais usual das línguas do mundo, “pois apresenta distinção entre a classe de nome e a classe de verbo”. A noção de nome pode ser definida gramaticalmente quanto a suas propriedades

---

<sup>11</sup> Sujeito, objeto e verbo.

morfológicas e sintáticas e também representar semanticamente os conceitos estáveis para nomear pessoas, animais, plantas, objetos, lugares, entre outros. Portanto, podemos expor que os substantivos em ofayé são de diferentes tipos, como os que indicam posse, os que não indicam posse e ainda aquele que podem ou não ser possuídos.

Em muitas línguas, existem duas estratégias de posse gramaticalmente distintas. Todos os substantivos podem ser possuídos, mas cada substantivo sofre apenas uma das estratégias. Normalmente os dois tipos de posse são denominados posse alienável e inalienável.

As línguas normalmente expressam muitas relações semânticas com a mesma construção formal usada para expressar posse. Vamos chamar essas construções formais de Construções Possessivas, mesmo que a relação semântica nem sempre seja de posse.

É importante distinguir os sintagmas nominais possessivos das cláusulas possessivas. Um sintagma nominal possessivo contém dois elementos: um possuidor e um item possuído. Às vezes, o possuidor é referido como o genitivo (independentemente de a língua ter um caso morfológico genitivo). O item possuído é referido como o possuidor ou do possuído.

Algumas línguas fazem uma distinção formal com base na diferença entre posse semântica alienável e inalienável. Semanticamente, a posse alienável é o tipo de posse que pode ser resolvido: posso transferir a posse de meus bens para outra pessoa, daí a minha relação com meus bens é de posse alienável. Posse inalienável é o tipo de posse que não pode ser encerrada.

A linguagem que caracteriza a posse inalienável sempre inclui os termos de parentesco e partes do corpo dentro da classe dos itens inalienavelmente possuído. Minha cabeça sempre será a minha cabeça e meus irmãos e irmãs serão sempre os meus irmãos e irmãs. Para além de partes do corpo e os termos de parentescos. Alguns idiomas contêm determinados elementos culturalmente importantes dentro da classe dos bens inalienáveis, como as vacas, canoas, facões.

## 5.5 A ordem das palavras na relação de posse e em construção genitiva



Segundo Oliveira (2006), na relação de posse entre dois nomes no sintagma nominal, a ordem é possuidor – possuído.

A relação genitiva entre dois nomes é igual à relação de posse, com o núcleo do sintagma à direita

09 - [ok<sup>w</sup>ie tʃoʔe]

ok<sup>w</sup>ĩn ʃoʔe

Joana casa

*casa de Joana*

### 5.2.1.2 Nomes inalienavelmente possuíveis

Na língua ofayé, de acordo com Oliveira (2006), os tipos de nomes inalienavelmente possuíveis, ou seja, inerentes ao possuidor que é marcado obrigatoriamente por um dos prefixos pessoais, aparecem com raízes nominais. Somente quando um desses itens lexicais inalienáveis for citado sem referência direta ao possuidor é que ele será sempre marcado pelo prefixo de terceira pessoa do singular, como no exemplo citado abaixo. Nessa categoria, estão incluídos termos que denominam relações de parentesco e partes do corpo. Exemplos de prefixos de posse que são usados com a classe dos nomes inalienavelmente possuíveis: {ʃə- ~ ə- ~ ã ~ aka- ~ eke- ~ ida-}. Portanto, esses nomes não podem ser citados sem ser referenciados a um possuidor, mesmo que esse não possa ser identificado referencialmente, assim, os nomes são sempre marcados pelo prefixo de terceira pessoa, posse inalienável, ou o possuidor é expresso pelo próprio nome.

A palavra “perna”, por exemplo, em ofayé faz parte da categoria dos possuíveis, ou seja, é inerente ao possuidor, sem poder ser empregada sozinha sem o prefixo indicador de posse. Exemplo:

02 - [[ãgəte'ε]

3POS-perna-SING.

## Cabeça dele (de alguém)

### 5.2.1.3 Nomes alienavelmente possuíveis

Esses nomes podem aparecer ou não com um prefixo de posse. Conforme Oliveira (2006), quanto a classe semântica, nesta categoria estão os nomes de animais e utensílios domésticos, objetos culturais, plantas e outros. Seguem alguns exemplos de prefixo de posse: {a- ~ ə- ~ ã- ~ aka- ~ eke- ~ ida-}. Entre os nomes que, a princípio, são alienáveis, encontramos ocorrências em que a posse, além de ser marcada pelo prefixo de posse correspondente à classe, recebe ainda um marcador {ji-}. Vamos considerar esse elemento um marcador de posse enfática, enfatiza o que é culturalmente próprio de cada pessoa da comunidade. De acordo com Oliveira (2006, p. 107 - 108) enquanto se pode ser traduzido por *meu porco*, deve ser traduzido por *meu próprio porco*, *o porco que verdadeiramente me pertence*, *o porco que é meu mesmo*, diferente, portanto, do porco que é propriedade coletiva<sup>12</sup>. Em princípio os animais são bens não possuíveis, pois pertencem à natureza.

Conforme Oliveira (2006, p. 108) com a mudança cultural, alguns bichos são incorporados aos bens possuíveis. Essa expressão de posse pode ser explicada apenas culturalmente. Os Ofayé tinham tradicionalmente uma economia coletiva. Hoje, essa forma de economia se mantém, mas os índios podem possuir bens próprios, bens que não são coletivos. Então, fazem uma diferença entre bens que pertencem a todos, conseguidos com o trabalho coletivo, e bens que pertencem a um indivíduo, para a aquisição do qual ele empregou seu esforço particular e do qual ele somente irá usufruir.

Neste caso, os peixes, por exemplo, que são uma conquista coletiva, que eles ganharam do IDATERRA (Instituto da Terra do Mato-Grosso do Sul) e que podem ser pescados por todos, “*meu peixe, o que eu possuo juntamente com os outros*”, mas o peixe que cada um pesca no córrego do fazendeiro vizinho é “*meu peixe particular, o peixe que eu peguei para mim*”. (idem, p. 108)

<sup>12</sup> Deve-se notar que, entre os Ofayé, há ainda um sistema econômico em que a posse da propriedade é coletiva. Assim, uma parte de terra, o gado, a criação de peixe, são bens comuns a todos os membros da comunidade. Entretanto, é possível para um indivíduo do grupo adquirir um bem próprio, com o seu empenho particular, como, por exemplo, quando alguém consegue comprar uma vaca com o dinheiro ganho em um trabalho específico ou apanhar um marolo da árvore para comer. O marolo na árvore é propriedade coletiva.

A palavra “porco”, no exemplo abaixo, evidencia a posse enfática, individual e não coletiva, pelo fato de conter o marcador {jĩ-}, diferente do exemplo dado acima sobre os peixes que podem ser uma conquista coletiva como particular também, confirmando a posse enfática ou não.

03 - [aʃif<sup>w</sup>iraʃigi]

1POS-ENF. POS-porco

Meu próprio porco

#### 5.2.1.4 Nomes não possuíveis

Na maior parte das línguas, os nomes não possuíveis são fenômenos da natureza, corpos celestes, acidentes geográficos. Essa característica não é apenas da língua Ofayé. Visto que, em ofayé, ocorre da mesma forma. Exemplos:

04 - [were]                      noite

05 - [kətawe]                    lua

### 5.3 Número

Em ofayé, há distinção entre plural e singular. O singular é a forma não marcada, ou morfema  $\emptyset$ , enquanto o plural é marcado pelo sufixo {-jɛ}, que possui vários alomorfes: {-jɛ ~ -ɲɛ ~ -ʒɛ ~ -ʔɛ ~ -ɛ}.

#### **Singular**

06 - [i]

07 - [ãʃe]

#### **Plural**

[ijɛ]

[ãʃeʔɛ]

Cabelo

Dente

## 5.4 Gênero

Oliveira (2006) indica a presença do feminino de alguns animais, embora isso não ocorra de forma sistemática. [f<sup>v</sup>ajek] ou [fajek]<sup>13</sup> são as formas femininas da língua. Em Ofayé, podemos observar que não há morfema que marca o gênero, deste modo, a forma feminina é formada por um item lexical, sendo assim, “gato fêmea” e não um indicador morfológico que é referente a “feminino”. Assim, [f<sup>v</sup>ajek] e [fajek] são indicadores lexicais de fêmea na língua Ofayé.

08 - [tikâkrej f<sup>v</sup>ajek]

tikâkrej fajek

gato FEM

*Gata*

### 5.5.1 Processo de formação de palavras

### 5.5.2 Composição

Conforme Oliveira (2006), pelo fato de a língua ofayé apresentar poucos afixos derivacionais, a composição é o principal mecanismo pelo qual o léxico é formado e aumentado. A autora considera que, no Ofayé, somente são considerados como composição os casos “em que dois nomes justapostos, A e B, dão como resultado, em termos de significado, um novo nome, C. Nos compostos a ordem é modificado-modificador”. (p.127)

De acordo com Anderson (1985, p. 40, apud OLIVEIRA, 2006, p 128), processos de composição são processos de formação de palavras baseados na combinação de dois ou mais membros de classes lexicais (potencialmente) abertas. Um critério inicial para distinguir compostos de sintagmas nominais é que os primeiros são o resultado de processos de formação de palavra, enquanto os últimos são resultados de operações sintáticas.

<sup>13</sup> O fonema [f] é citado neste item porque segue a explicação sobre gênero de acordo com o trabalho de Oliveira (2006, p. 113).

Na próxima subsecção, por exemplo, o sentido do total composto não é mais o sentido de nenhuma das partes envolvidas na composição, mas um terceiro sentido. O processo de composição na língua é bastante semelhante ao processo de formação de sintagmas, como temos visto acima, que são criados sintaticamente. De modo geral, compostos são formados pela justaposição de membros das classes lexicais mais importantes da língua, nome, verbo e adjetivo. Não foram encontrados compostos em que entram membros da classe advérbio. Em nossos dados, porém, os compostos resultantes são todos nomes, não tendo aparecido casos de verbos ou adjetivos compostos.

#### 5.5.2.1 Nome + Nome

Em ofayé a estrutura básica de composição encontrada é a justaposição de nome + nome. Assim, como também observou Oliveira em 2006, o primeiro elemento é o modificado, e o segundo o modificador, então o composto é o resultado de um terceiro sentido.

10 - [aɸwahi]

Perna+osso

*Ossô da Perna*

#### 5.5.2.2 Objeto + verbo

Esta é outra forma de construção nominal, por meio do objeto mais o verbo. Essa construção é exemplificada logo abaixo. A partir do objeto e do verbo, temos o resultado da composição, um nome.

11- [agɔtaʃow həgɔ'ní]

Pescoço+amarrar

*Colar (amarra pescoço)*

## CAPÍTULO 6 – CONSIDERAÇÕES LEXICOLÓGICAS E LEXICOGRÁFICAS

Neste capítulo serão apresentados alguns assuntos lexicológicos e lexicográficos sobre o léxico ofayé. Especificamente sobre a diferença entre glossário e vocabulário, a classificação em campo semântico e o neologismo na língua.

### 6.1 – Glossário e Vocabulário

No que diz respeito às diferenças entre vocabulário, glossário e dicionário, Domingues (1985 *apud* BARBOSA 1993) apresenta algumas considerações. Na lexicografia, termos como “léxico”, “vocabulário”, “dicionário” e “glossário” são empregados para referir-se à mesma problemática. Existem, no entanto, diferenças entre essas nomenclaturas. Uma dessas diferenças radicais é considerar o nível lingüístico de que parte o *corpus* estudado. Se o dado se baseia na língua, teremos dicionário e léxico, mas se o *corpus* pertence à fala, teremos vocabulário e glossário. Léxico e dicionário, por um lado, e vocabulário e glossário, por outro. O vocabulário e o glossário estão limitados pelas peculiaridades da fala. Desse modo, léxico e dicionário são obras de codificação e vocabulários e glossários de descodificação:

A realização do glossário de uma obra medieval participa de algumas das dificuldades gerais de qualquer obra lexicográfica no que toca, nomeadamente, à escolha das unidades sujeitas a codificação, às decisões sobre a seleção dos lemas, sobre as informações a figurar nos artigos, etc. Distingue-se, no entanto, de um dicionário geral ou de um dicionário especializado (áreas científicas, de atividades, etc.) por uma característica que o torna, simultaneamente, instrumento auxiliar de uma mais clara compreensão do texto e fonte de conhecimento de um estado de língua diferente: as unidades que o lexicógrafo seleciona e as informações gramaticais e semânticas que sobre elas são fornecidas dizem respeito a um *corpus*, exteriormente delimitado, que funciona como discurso individual, como exemplo de um ato de fala produzido num dado tempo e lugar. Nesta perspectiva, um glossário será ‘dicionário de discurso’ e não ‘dicionário de língua’. (CRISPIM, 1990 *apud* BARBOSA, 1993)

A autora (1993) contribui aos estudos da tipologia de obras lexicográficas, oferece dois significados do termo vocabulário:

um primeiro conteúdo refere-se ao conjunto de vocábulos de um Universo de Discurso; um segundo conteúdo designa um tipo de dicionário e, como tal, significa conjunto de vocábulos tratados lexicograficamente, isto é, definidos e organizados em forma de dicionário.

Barbosa (1993) distingue um vocabulário de um glossário, por um critério qualitativo-quantitativo básico:

o vocabulário busca ser representativo de um universo de discurso – que compreende, por sua vez, **n** discursos manifestados -, pelo menos; configura uma norma lexical discursiva; o glossário pretende ser representativo da situação lexical de um único texto manifestado, em sua especificidade léxico-semântico e semântico-sintático, numa situação de enunciação e de enunciado, numa situação de discurso exclusivos e bem determinados.

## 6.2 Campo semântico

De acordo com Biderman (2001, p. 187-188), “na evolução histórica de um campo semântico, o núcleo central de significação pode ser deslocado e uma significação periférica passar a ocupar o centro desse campo conceptual”. A autora não parte do princípio, pelo qual a concepção de um vocábulo tenha uma relação de dependência com um significado primitivo, pois acredita que com a evolução da língua o campo semântico também evolui. Como exemplo:

O termo latino para designar a noção de “casa” era *domus*. Em latim a palavra *casa* significava “choupana”, “cabana”. Na evolução do latim para as línguas românicas o termo *casa* deslocou *domus* do centro do seu campo semântico tanto na península Ibérica como na Itália. Daí resultou: português *casa*, espanhol *casa*, italiano *casa*. Entretanto, em italiano, o vocábulo *domus* continuou a existir com a forma *duomo*, mas com um significado específico, isto é: ‘a casa de Deus’. Dessa forma, aquele valor que era nuclear, passou a periférico e residual. (BIDERMAN, (2001, p. 188)

Desse modo, para a autora, toda palavra possui redes de significação, mas às vezes estas são extremamente extensas. “Aos vocábulos que integram essa rede damos o nome de *campo semântico* dessa palavra.” (BIDERMAN, 2001, p. 193). Ou seja: os vários significados de uma palavra são encontrados no domínio do campo de significação de cada verbete nos dicionários. De acordo com Biderman (2001, p.193),

por melhor que seja qualquer dicionário, esse mapeamento dos campos semânticos do Léxico é sempre incompleto. Tal imperfeição é parcialmente culpa dos dicionaristas, mas é também devida à dificuldade extrema no traçar os limites

precisos de uma área lexical e de reconhecer aí todas as variações possíveis do significado, pois esse território é nebuloso e impreciso por definição.

Segundo Ullman (1964, p. 511), em cada campo o material é analisado e elaborado de um modo peculiar, “que difere de uma língua para outra e muitas vezes de um período para outro na história do mesmo idioma. Deste modo, a estrutura dos campos semânticos incorpora uma filosofia específica e uma escala de valores”.

Frequentemente os dicionários são elaborados em ordem alfabética pela facilidade da consulta. Organizar uma obra lexicográfica por campo semântico sugere uma seleção das unidades léxicas e a separação por grupos, de acordo com seu significado.

Através dos dados encontrados na língua ofayé, pode ser constatado os substantivos organizados em cinco campos semânticos, ou seja, fauna, flora, objetos e utensílios, partes do corpo e relação de parentesco.

Como foi dito no aspecto morfológico da língua, os nomes alienavelmente possuíveis, são de animais e utensílios domésticos, objetos culturais, plantas e outros, isso porque podem ou não pertencer a alguém. Seguem os prefixos de posse: {a- ~ ə- ~ ã- ~ aka- ~ eke- ~ ida-}. Ainda, entre os nomes que a princípio são alienáveis, encontramos ocorrências em que a posse, além de ser marcada pelo prefixo possessivo correspondente à classe, recebe ainda um marcador {ji}, marcador de posse enfática na língua. Enfatiza o que é culturalmente próprio de cada pessoa da comunidade.

Os dados apresentados neste trabalho como exemplos estão expostos com prefixos de posse. Portanto, segue a relação dos dados com prefixos alienavelmente possuíveis:

## FAUNA

[a'ʔe] Anum preto.

[e'wɛk] Arara.

[əʔ'to] Boi.

[əhekə'nɛ] Cabrito.

[əhɔwa'tʃe] Cavalos.



[əhɸwa'tʃe ɸwa'jek] Ègua. Composto

[əɸ'wɛ] Barata.

## FLORA

[ãgrigrĩ'tã] Pimenta.

[ə'kaj] Mato.

[ə'ʃa:] Semente

[ə'ʃã] Mamão.

## OBJETOS E UTENSÍLIOS

[agɛta'ʃow hɛgɛ'nĩ] Colar. Neologismo.

[ãŋʃah'tɔ] Remédio.

[ãgrei wɛʃe'ta] Pneu. Neologismo.

[ə'ʃik] Corda.

[ãʃig'na] Corda grossa, comprida.

[əʃa ʃɛnʔ'hi] Absorvente. “Tampa da sem vergonha”. Neologismo. Composto.

[əʃe kɛgɔ'nĩn] Presilha. (O que amarra cabelo). Neologismo. Composto

[əno'dʒi] Banco, cadeira, lugar.

[ʃəŋʔ'to] Bolsa. Neologismo.

[ʃɛn'hi] Tampa de alguma coisa.

[ʃə'gnʔ] Rede.

Na categoria dos nomes inalienavelmente possuíveis estão as classes semânticas apresentadas pelas relações de parentesco e partes do corpo. Fazem parte deste grupo porque são características que pertencem a alguém em toda e qualquer circunstância. Portanto, especificamente, essa classe é inerente ao possuidor que é marcado obrigatoriamente por um dos prefixos pessoais, somente quando não houver referência direta ao possuidor é que será marcado pela terceira pessoa do singular. Seus prefixos são: {ʃə- ~ ə- ~ ã- ~ aka- ~ eke- ~ ida- }.

Exemplos:

## **PARTES DO CORPO**

[ajkõ'ro] Cabelo Preto.

[agə'ta] Colo.

[aɸwe'hi] Osso do braço.

[aɸwa'hi] Osso da perna.

[ãɸwaraĩ wa'tʃe] Unha dos pés.

[ãgətɛ'ɛ] Cabeça.

[ãɸwo'grĩn] Cotovelos.

[ãɲo'ra] Língua. (Parte do corpo.)

[əgəta'ʃow] Pescoço.

[ə'hɑ] Pele.

[ə'hi] Osso.

[ə'ha] Pele.

[əh'ʃa] Vúlva.

[əho'ro] Costas

[əh'ta] Peito.

[ə'oh] Coxa.

[ə'ʃe] Dente.

[əφwa'ra] Pé.

[əφwatəh'təh] Calcanhar.

[əφ'we] Braço.

[ə'φwe] Braço.

[in] Mão.

[ʃe'ε] Sangue.

[wej'ʃə] Peito, seio.

## RELAÇÃO DE PARENTESCO

[aga'ta] *s.* Sogra.

[aga'tai] *s.* Sogro.

[ah'ʃik] *s.* Sobrinho, neto, primo.

[ah'ʃeε] *s.* Genro.

[ahte'ho] *s.* Menina

[əhʃo'wφo] *s.* Rapaz.

[əhte'φwo] *s.* Moça.

[əhʃow'ʔə] *s.* Orfão.

[əh'teε] *s.* Mulher.

[aigra'kə] *s.* Irmã (mulher falando para homem)

[aigra'kə] *s.* Irmão.

[a're] s. Avô.

[a'ra:k] s. Avó.

[araŋ'ra] s. Tio.

[a'wie] s. Irmã.

[ə'ɸwo] s. Menino.

[ə'ʃəw] s. Homem.

### 6.3 Neologismo

O neologismo é um tipo de mudança na língua originária da ampliação dos significados das palavras, ou o que é chamado de campo semântico. Essa mudança vocabular ocorre em todas as línguas. De acordo com Alves (2007), os neologismos são motivados fonológica, sintática e semanticamente. Para Biderman (2001), o neologismo implica a expansão do léxico e, por meio da aceitação da sociedade, passa a ser incorporado à língua. Alves (2007, p. 11), ao dizer que “a unidade léxica tem caráter neológico à medida que é interpretada pelo receptor”, compartilha da mesma opinião de Biderman (2001). Assim, para as duas autoras, o neologismo é originado a partir do momento em que o receptor aceita, interpreta e decodifica o código em questão, para assim chegar a uma comunicação. É na comunicação que os falantes, usuários da língua, “criam e conservam o vocabulário. Ao atribuírem conotações particulares aos lexemas, nos usos do discurso, os indivíduos podem agir sobre a estrutura do Léxico, alterando as áreas de significação das palavras”. (BIDERMAN, 2001, p.179)

#### 6.3.1 – Neologismo fonológico - Criações Onomatopaicas

Consequentemente, com a evolução lexical e seu enriquecimento por meio dos indivíduos, temos criação de neologismos. Sobre o processo de neologismo fonológico pode-se afirmar que:

A criação onomatopaica está calcada em significantes inéditos. Entretanto, sabemos que a formação de palavras onomatopaicas não é totalmente arbitrária, já que ela se baseia numa relação, ainda que imprecisa, entre a unidade léxica criada e certos ruídos ou gritos. A onomatopéia procura reproduzir um som, o que impossibilita que seu significante seja motivado. Trata-se de um processo bastante produtivo em certas linguagens, como nas histórias em quadrinhos. (ALVES, 2007, p.12)

Para Ullman (1964), o uso da onomatopéia não se restringe somente a palavras individuais; envolve também seu caráter estilístico, mediante a combinação de valores sonoros, como a aliteração, o ritmo, a assonância e a rima.

Há uma distinção importante do ponto de vista semântico entre onomatopéia primária e secundária. Para o autor, na forma primária, “a imitação do som pelo som”, o referente é “acusticamente imitado pela estrutura fonética da palavra: o som é um “eco do sentido”. Como exemplos temos: “buzz” (zumbir), “crack” (rachar, estalar), “hum” (murmurar). Já na onomatopéia secundária, um movimento é evocado por meio do som. Por exemplo, em inglês “quiver” (tremor), “slither” (escorregar), “slink” (escapular-se). (ULLMAN, 1964, p. 175)

De acordo com Ullman (1964), a onomatopéia é um aspecto da semântica que tem despertado muito interesse. Por se tratar da semelhança que há entre o nome e o sentido, espera-se que essas relações de semelhança ocorram nas diferentes línguas. Segundo o autor, o mais conhecido talvez seja o nome do *cuco*, que tem representação muito semelhante em várias línguas: inglês *cuckoo*, francês *coucou*, espanhol *cuclillo*, italiano *cuculo*, romeno *cucu*, latim *cuculus*, alemão *Kuckuck*, russo *kukushka*, húngaro *kakuk*.

Podemos conferir, com esse exemplo, que há um paralelismo admirável, mas, conforme o autor (ibidem, p. 180), essa analogia não pode ser explicada “nem por ser uma origem comum, nem por uma influência mútua, é um exemplo daquilo a que se tem chamado ‘afinidade elementar’, uma semelhança fundamental no modo como diferentes povos ouvem e reproduzem o mesmo ruído.”

Na língua ofayé as construções onomatopaicas são sempre relacionadas a nomes de animais, pois são motivados por seus sons. Por exemplo: o som do pato [ɸwaɸwe're], da seriema, [ɸwa'ri], do sapo [ɸwe'ra], pássaro que canta a noite, [ʃaɸwike'tej], grilo [ogɾə'tə], cigarra [hokwe'to], galo [kri?i] e perereca [krakra?ɛ].

Há, entretanto, construções onomatopaicas que não apresentam nenhuma (ou pouca) semelhança em diferentes línguas. A imitação é apenas parcial, a convenção é feita em

cada língua para melhor forma de adesão. Com isso, o inglês transcreve o cantar do galo como: *cock-a-doodle-do*; o francês, *cocorico* e o alemão, *kikeriki*. Iguamente acontece com outros sons onomatopaicos nas diferentes línguas.

Desse modo, para Ullman:

os sons não são expressivos por si mesmos; só quando acontece que se ajustam ao significado é que as suas possibilidades onomatopaicas ressaltam. A onomatopéia só resalta quando as possibilidades expressivas latentes num determinado som são por assim dizer, despertadas, graças ao contato com um significado apropriado (idem).

### 6.3.2 Neologismo Sintático por Composição

Na língua ofayé a estrutura lexical mais corrente é por composição. Diferente do neologismo fonológico, o sintático supõe a combinatória de elementos já existentes no sistema linguístico, como derivados, compostos, compostos sintagmáticos e formados por siglas e acrônimos. “E o semântico é criado sem que haja nenhuma mudança formal em unidades já existentes na língua [...] qualquer transformação semântica manifestada num item lexical ocasiona a criação de um novo elemento” (ALVES, 2007, p. 62).

No caso do neologismo sintático, temos como exemplo em ofayé o vocábulo **[agətaʃow həgə'ní]**, este termo é um composto, formado por mais dois termos existentes na língua com significados distintos separadamente, [agətaʃow] que possui como equivalência “pescoço” e [həgə'ní] equivalente a “amarrar”. Deste modo, “colar” corresponde à equivalência da palavra composta [agətaʃow həgə'ní] sendo a definição na língua alvo “amarrar pescoço”, ou seja, o objeto que se amarra no pescoço, de acordo com nativos da língua.

Semelhante ao exemplo citado acima, temos outros casos na língua, como **[əʃa ʃenʔhi]**, um termo na língua também formado por composição de dois vocábulos [əʃa] é equivalente a “vagina” e [ʃenʔhi] equivalente a “tampa”. A junção desses dois vocábulos apresenta um novo sentido, no caso, uma nova equivalência, “absorvente”. Mas nas palavras da informante, timidamente defini como “tampa da sem vergonha”.

**[əjɛ kəgə'nín]** é um vocábulo composto, formado por [əjɛ] - “cabelo” [kəgə'nín] - “amarrar”. Tem por definição “o que amarra o cabelo” e equivalência “presilha”. Por meio da

composição temos um neologismo sintático, pois duas palavras existentes na língua se unem para formar um novo significado.

São exemplos de neologismos sintáticos: **[hokotɛn kətigi]** Vocábulo composto, formado por [hokotɛn] - “fruta” [kətigi] - “bater”. Tem por definição “batedor de frutas” e equivalência “liquidificador”. **[hifɛgri gititoro]** Vocábulo composto, formado por [hifɛgri] - “porta” [gititoro] - “metade”. Temos como definição “metade da porta” e equivalência “janela”. **[krahan kətigi]** Vocábulo composto, formado por [krahan] - “roupa” [kətigi] - “bater”. Apresenta como definição “batedor de roupa”. **[kre'graj gətɛ]** Vocábulo composto, formado por [kre'graj] - “macaco” [gətɛ] - “cabeça”. Temos como definição “cabeça de macaco” e equivalência “concha”. **[itəu haʔ]** Vocábulo composto, formado por [itəu] - “parte do palito que pega fogo” [haʔ] - “parte da caixa que risca para ascender o fogo”. Apresenta como definição “risca e faz fogo” e equivalência “fósforo”. **[ikwatʃɛ ʃow'hi]** s. “esmalte para mãos e pés”. **[itəfwe kəgə'nɪn]** Vocábulo composto, formado por [itəfwe] - “orelha” [kəgə'nɪn] - “pendurado”. Temos como definição “pendurado na orelha” e equivalência “brinco”. **[iʃa həga'nɪ]** Vocábulo composto, formado por [iʃa] - “dedo” [həga'nɪ] - “círculo”. Apresenta como equivalência “anel”.

### 6.3.3 Neologismo semântico

Biderman distingue ainda dois tipos de neologismo, o conceptual ou formal. Nesse tipo de neologismo há “definições novas que são incorporadas no campo semasiológico de qualquer significante” (2001, p. 203). Ou seja, caracteriza-se por inserir palavras novas ao idioma. De acordo com a autora, essas palavras novas podem ser termos vernáculos, um empréstimo estrangeiro, lexia complexa ou expressão idiomática.

Biderman (2001) e Alves (2007) compartilham igualmente do mesmo conceito de neologismo semântico ou conceptual, em que a forma se mantém, mas novos significados podem ser atribuídos a ela.

Em se tratando de neologismo conceptual, na língua ofayé há casos como **[agqãõntə]** substantivo que possui como equivalência os termos “papel” e “livro”, pois como

as autoras mencionam, possui significados novos ao mesmo significante. Temos também exemplos como [hokote'ɛ] “abacate” e [hoko'te] “fruta”. Ainda, [to'ro] “flecha para matar pássaros pequenos. jogo de flecha” e [to'ro] ”metade”. [ɸwi?ɛ] com o significado de “água” e [ɸwi?ɛ] mesma palavra, mas com o significado “riacho”.

Portanto temos também:

[kətɛktorɔ] definição “revólver”, equivalência “metade da espingarda”.

[ɔngrej'ha] definição “pele do olho”, equivalência “pálpebra”.

[inanɔtɔngi] definição “tirador de fotos”, equivalência “máquina fotográfica”.

#### 6.3.4 Neologismo por empréstimo

**Uma das formas de manifestação da neologia por empréstimo é o estrangeirismo. Na língua ofayé encontramos um vocábulo marcado por este tipo de neologia, de acordo com Alves (2007), é caracterizado estrangeirismo por não fazer parte do acervo lexical do idioma.**

Portanto, [kaʃo'ro] é um substantivo ofayé, que possui como equivalência “cachorro”, e pode ser classificado como neologismo por empréstimo. Com o vocábulo [kaʃo'ro], houve uma adaptação da forma estrangeira à forma fonética, ou seja, os falantes ofayé aproveitaram a forma escrita da palavra da língua portuguesa para a língua ofayé e também o som. Conforme Alves (2007, p. 77) a integração do neologismo por empréstimo pode “manifestar-se através de manifestação gráfica, morfológica ou semântica”.

Notamos então, que na língua ofayé é possível encontrar os três tipos de neologismos e podem ocorrer por meio de formação de palavras como a composição e empréstimos, que foram os exemplos citados neste trabalho.



#### 6.4 Amostras de substantivos ofayé

Neste item, apresentamos alguns substantivos ofayé e também considerações sobre a sua organização. Este vocabulário é composto por 217 palavras.

As entradas seguem dispostas em ordem alfabética. As palavras-entrada estão em negrito e a categoria gramatical em itálico. Os neologismos, onomatopéias e composições são marcados no final da palavra-entrada.

Os nomes de animais e utensílios domésticos, objetos culturais, plantas e outros estão na classe de nomes alienavelmente possuíveis, que possuem os prefixos, {a- ~ ə- ~ ã- ~ aka- ~ eke- ~ ida-}. Já os nomes que identificam a relação de parentesco e partes do corpo estão na classe dos nomes inalienavelmente possuíveis: {ʃə- ~ ə- ~ ã- ~ aka- ~ eke- ~ ida-}.

## A

[aɸwa'hi] *s.* Osso da perna. Composto.

[aɸwe'hi] *s.* Osso do braço. Composto.

[ãɸwogri'n] *s.* Cotovelos.

[ãgɔtɛ'ɛ] *s.* Cabeça.

[a?'ɛ] *s.* Anum preto.

[ɑgɑɾɔn'tɔ] *s.* Papel, livro. Neologismo.

[ãgatign?'gi] *s.* Hélice. Neologismo

[ãgrigrĩ'tã] *s.* Pimenta.

[agɔtaʃow hɔgɔ'nĩ] *s.* Colar. Neologismo. Composto.

[agɔ'ta] *s.* Colo.

[aga'ta] *s.* Sogra.

[aga'tai] *s.* Sogro.

[ah'ʃɛɛ] *s.* Genro.

[ah'ʃik] *s.* Sobrinho, neto, primo.

[ahte'ho] *s.* Menina.

[aigra'kõ] *s.* Irmão.

[ajkõ'ro] *s.* Cabelo Preto.

[ãnʃah'tɔ] *s.* Remédio.

[aragɾ'ra] *s.* Tio.

[a'rak] *s.* Avó.

[a're] *s.* Avô.

[a'wie] s. Irmã.

Φ

[Φwajeh'ta] s. Macho.

[ΦwaΦwe're] s. Pato. Onomatopéia

[Φwa'ri] s. Seriema. Onomatopéia

[Φwa'ra] s. Pé.

[Φwa'tʃəj] s. Sapato.

[Φwa'ʃek] s. Gato Maracajá ou jaguatirica. Animal que come galinha.

[Φwǎn'tʃe] s. Piranha (peixe).

[Φwe'ra] s. Sapo. Onomatopéia.

[Φwikətə'ʔe] s. Jacaré.

[Φwi'rat] s. Caitetu, queixada pequena. Porco doméstico.

[Φwitaj'ʔe] s. Anta.

[Φwi'ʔe] s. Água

[Φwi'ʔe] s. Riacho

[Φwĩnnoe'gi] s. Balde (lugar da água).

[Φwĩntǎn'gi] s. Pote (com algo dentro).

[Φwito'gi ʃenhi] s. Tampa de pote. Composto.

[Φwĩ'te] s. Rio pequeno.

[Φwokrĩg'ʔe] s. Pássaro

[Φwo'koj] s. Tamanduá Bandeira.

[ɸwo'ko:t] *s.* Tamanduá Meleti.

[ɸwogŋ tʃəj] *s.* abelha jataí. Mel de abelha. Composto.

[ɸwok'tae] *s.* Morcego.

[ɸwo'j] *s.* Lagoa.

ʃ

[ʃaɸwike'tej] *s.* Pássaro que canta a noite. Onomatopéia

[ʃa'j] *s.* Abelha.

[ʃah'ʃa ʃah'tee] *s.* Nora. Composto

[ʃe'həh] *s.* Quati.

[ʃəŋ'to] *s.* Bolsa. Neologismo.

[ʃəgn'ʔ] *s.* Rede.

[ʃe'ε] *s.* Sangue.

[ʃowε ɣərõŋ'gi] *s.* Vassoura. (Porque limpa dentro de casa). Composto. Neologismo

[ʃo'ro] *s.* Cachoeira

[ʃo'w] *s.* Pai.

E

[ə'ʃe] *s.* Dente.

[ə'ʃəw] *s.* Homem.

[ə'ʃa:] *s.* Semente

[ǎʃig'na] *s.* Corda grossa, comprida.

[ǎ'jik] *s.* Corda.

[ǎ'ʃǎ] *s.* Mamão.

[ǎʃa ʃen?'hi] *s.* Absorvente. “Tampa da sem vergonha”. Neologismo. Composto.

[ǎ?'to] *s.* Boi.

[ǎʃ'wɛ] *s.* Barata.

[ǎʃwa'ra] *s.* Pé.

[ǎʃwaraíʃwa'tʃɛ] *s.* Unha do pé. Composto.

[ǎʃwatəh'təh] *s.* Calcanhar.

[ǎʃ'wɛ] *s.* Braço.

[ǎʃwara grej'to] *s.* Tornozelo. Composto. Neologismo

[ǎ'ʃwo] *s.* Menino.

[ǎ'grej] *s.* Olho.

[ǎgəta'ʃow] *s.* Pescoço.

[ǎgata'hi] *s.* Osso da coxa; fêmur. Composto

[ǎhʃwa'tʃɛ] *s.* Cavallo.

[ǎhekə'niɛ] *s.* Cabrito.

[ǎhʃwa'tʃɛ ʃwa'jek] *s.* Égua. Composto

[ǎ'hɑ] *s.* Pele.

[ǎ'hi] *s.* Osso.

[ǎ'hi ] *s.* Perna.

[ǎ'ʃa] *s.* Vúlva. Neologismo.

[ǎho'ro] *s.* Costa

[əh'ta] *s.* Peito.

[əhʃo'ɸwo] *s.* Rapaz.

[əhte'ɸwo] *s.* Moça.

[əhʃow'ʔə] *s.* Orfão.

[əh'teɛ] *s.* Mulher.

[əje kəɔ'nɪn] *s.* Presilha. (O que amarra cabelo). Neologismo. Composto

[ə'jʔ] *s.* Cabelo.

[ə]ʃe'gri] *s.* Nariz.

[ə'kaj] *s.* Mato.

[əko'ɛ] *s.* Nádegas

[əno'dzi] *s.* Banco, cadeira, lugar.

[ə]no'ra] *s.* Língua. (Parte do corpo.)

[əngrej'ha] *s.* Pálpebra. Neologismo

[ə'oh] *s.* Coxa.

[ə]tah'ta] *s.* Pneu. Neologismo.

[ə]to'ɛ] *s.* Nuca.

[e'wək] *s.* Arara.

## G

[gi'te] *s.* Marido.

[gati'ki] *s.* Hélice. Neologismo.

## H

[ha'wɛʔ] *s.* Canoa.

[ha'ɛʔ] *s.* Coelho; lebre.

[haŋga'ta hak] *s.* Minhoca. Composto.

[hã'ra] *s.* Jararaca.

[hah'tɛ] *s.* Flor.

[ha'ʔɛ] *s.* Coelho.

[hɛʃe'ɸwo] *s.* Sucuri

[hɛ:'ʃie] *s.* Milho.

[hɛi'ɛʔ] *s.* Feijão

[hɛhte'ɛ] *s.* Flor.

[hɛ'ʔɛ] *s.* Terra.

[hɛʔə] *s.* Árvore.

[hɛʔ'rae] *s.* Pau comprido.

[hɛ'tɔʔ] *s.* Ventilador. (Faz vento) Neologismo.

[hɛɸweha'ʃi] *s.* Mesa.

[hɛ'nhi] *s.* Tampa de alguma coisa.

[hɛ'hi tɔŋgi] *s.* Espelo. Neologismo. Composto.

[hɛʃe'gri] *s.* Porta.

[hɛʃe'gri gititoro] *s.* Janela. (Metade da porta). Neologismo. Composto.

[hen'tʃə] *s.* Coração.

[hɛ're] *s.* Boca.

[hi'gi] *s.* Rabo.

[hokwre'to] *s.* Cigarra (tipo de cigarra). Onomatopéia.

[hokufiŋge'te] *s.* Garça.

[how] *s.* Rã.

[hoko'te] *s.* Fruta. Neologismo.

[hoko'tẽ hahte] *s.* Pé de abacate. Composto.

[hokote'ε] *s.* Abacate.

[hoj] *s.* Jatobá.

[hoko'ten kətigi] *s.* Liquidificador. (Batedor de frutas). Neologismo. Composto.

[hoko'tej] *s.* Cama.

[hokoi ŋe're] *s.* Bule. Composto. Neologismo.

## I

[iŋegri'ʃʔε] *s.* Nariz pontudo.

[iŋa hɛga'nĩ] *s.* Anel. Neologismo. Composto.

[iaɸwi'ni] *s.* Beija - flor

[iɸwe're] *s.* Lenha

[i'ara] *s.* Folha.

[ieketeε'te] *s.* Prato.

[ie'k<sup>w</sup>e] *s.* Panela.

[iekə'te] *s.* Copo. Neologismo

[iekəte'kwe] *s.* Bacia. Neologismo.



[ieɸwe ʃe'ni] *s.* Tampa de panela

[ɪkwatʃe ʃow'hi] *s.* Esmalte para mãos e pés. Neologismo. Composto.

[in] *s.* Mão.

[in'ʃãʔ] *s.* Dedo.

[inanətɛn'gi] *s.* Máquina fotográfica (tirador de foto). Neologismo

[intə'ɸwe] *s.* Orelha.

[in'tow] *s.* Pulso.

[inɸwə'tʃe] *s.* Unha.

[i'təʔ] *s.* Formiga.

[i'təu haʔ] *s.* Fósforo. (Risca e faz fogo) Neologismo. Composto.

[itə'ɸwe kəgə'nin] *s.* Brinco. Composto. Neologismo

## J

[ja'hk wet] *s.* Rolinha.

[je'gri] *s.* Traira, lobó.

[je'ta] *s.* Tucano.

[jɛrə'æʔ] *s.* Tatu Galinha.

[jəkə'hə] *s.* Coqueiro.

[jɛn'tɛ] *s.* Abelha borá

[jə'kə] *s.* Côco.

[jəkəhə'ɲɛ] *s.* Jogo de arco e flecha.

## K

[kaʃo'ro] *s.* Cachorro. Neologismo.

[kaʃo'ro iʃe'gri] *s.* Focinho do cachorro, do gato, porco. Composto.

[ka'to] *s.* Loro, papagaio. (Aquele que fala)

[katawa'ra] *s.* Lagartixa.

[kateɣno'ro] *s.* Besouro.

[kaj] *s.* Mosca.

[kãtaihaiño'ra] *s.* Caramujo.

[kãtãi'ta] *s.* Dourado (peixe).

[kate're] *s.* Aranha.

[ka'te] *s.* Pedra.

[kənãwã'ra] *s.* Tatu Peba.

[kæteɾɸ'we] *s.* Pulga.

[kə'təj] *s.* Peixe.

[kətəre'ɾɔ] *s.* Foice.

[kətɛkto'ro] *s.* Revolver/metade. Neologismo

[kənowra ʃe'tʃə] *s.* Motor de carro. (Coração do carro). Composto. Neologismo

[kĩ'nhi] *s.* Faca

[kĩnhi'ta] *s.* Faca grande.

[ko'ko] *s.* Tatu bola.

[kokoh'ta] *s.* Tatu canastra.

[ko'ni] *s.* Qualquer tipo de cobra.

[ko'kok] *s.* Gavião

[ko'tʃaʔ] *s.* Arroz.

[krakra'ʔɛ] *s.* Perereca. Onomatopéia.

[kra'han katigi] *s.* Batedor de roupa. Neologismo. Composto.

[kre'graj] *s.* Macaco.

[kre'gɛ] *s.* Rio grande

[kre'graj ʃegi] *s.* Rabo de macaco.

[kre'graj gətɛ] *s.* Concha (parece cabeça de macaco). Neologismo. Composto.

[kri] *s.* Veado (galheiro).

[krɪn] *s.* Maritaca. Onomatopéia.

[kri'ʔi] *s.* Galinha. Onomatopéia.

[kri'ʃat] *s.* Galinzé, filho da galinha.

[krɪŋgrɪn'tə] *s.* Formiga lava pé.

## O

[oʔ'iʔ] *s.* Cotia.

[õ'ẽ] *s.* Flecha para bicho grande.

[ogri'tə] *s.* Borboleta.

[ogrə'tə] *s.* Grilo. Onomatopéia

[o'kɛ] *s.* Vaca.

[okə'tɛ ɸwi'ʃaʔa] *s.* Piolho. Bicho da cabeça. Composto.

[ok'tʃi] *s.* Onça

[oke'ʃa] *s.* Bezerro.

[o'ni] *s.* Pernilongo.

## T

[ta'we] *s.* Cerrado.

[tə'rə] *s.* Abelha mandaguari.

[te'ʔi] *s.* Carrapato.

[təʃi'ʎə ʃehi] *s.* Tampa de garrafa. Neologismo. Composto.

[te'ɛ] *s.* Mãe.

[tikəɸwəj'ɛ] *s.* Cágado.

[tikə'krej] *s.* Gato

[ʃin'ʃin] *s.* Quero – quero. Onomatopéia.

[to'we] *s.* Urubu.

[to'ro] *s.* Flecha para matar pássaros pequenos. Jogo de flecha.

## W

[weʃəʃəi'ʔe] *s.* Sutiã. Neologismo.

[wehiɸwa'ʃow] *s.* Jabuti.

[wej'ʃə] *s.* Peito, seio. Neologismo.

[winəh'təj] *s.* Borracha.

## ?

[ʔoʔok] s. Pomba.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por maior que seja o léxico de uma língua, seus falantes naturalmente reduzem o repertório desse acervo, pois não conseguem utilizar todas as palavras que dão forma a esse léxico, formando assim, o vocabulário de cada indivíduo em seu idioma. (BIDERMAN, 2001).

A capacidade humana de inventar leva o léxico à expansão, por meio da qual são gerados os neologismos. Na língua ofayé os neologismos são formados por composição. As principais formas de construções lexicais encontradas nos dados foram através da composição formadas por justaposição entre nome+nome, objeto+verbo.

O tipo de neologismo mais comum encontrado na língua ofayé foi o neologismo sintático, por haver a combinatória de elementos já existentes no sistema lingüístico, como os compostos. É natural que este tipo de neologismo fosse o mais comum na língua, já que como afirmado acima, esse processo é formado em sua maioria por composição.

De acordo com Oliveira (2006, p. 101) o nome em ofayé é flexionado em número e derivado e, morfologicamente, caracteriza-se pelo recebimento de prefixos de posse, sufixos derivativos – aumentativo e diminutivo – e um sufixo flexional – número. “Os nomes se definem como a classe de elementos lexicais que apresentam a estrutura interna: prefixo de pessoa obrigatório ou optativo, sufixo derivacional optativo (aumentativo ou diminutivo), sufixo de plural optativo”.

A relação de posse na língua se distingue entre alienável possuíveis, inalienável possuível e nomes não possuíveis. Para cada tipo de posse há os prefixos marcantes, no caso dos nomes alienáveis possuíveis além dos marcadores de posse, há um prefixo considerado marcador de posse enfática, o [ʃi]. Esse prefixo ressalta o que é culturalmente entre os indivíduos próprios de cada pessoa da comunidade.

Neste trabalho os prefixos de posse estão vinculados a raiz nominal, pois é importante para os estudos do campo semântico. Encontramos cinco campos semânticos organizados por fauna, flora, objetos e utensílios, partes do corpo e relação de parentesco. Esses grupos estão morfologicamente ligados a relação de posse, ou seja, os nomes alienavelmente possuíveis, são de animais, utensílios domésticos, objetos culturais, plantas e outros, isso porque podem ou não pertencer a alguém. É nesse grupo que se encontra o

marcador enfático. Já na categoria dos nomes inalienavelmente possuíveis estão as classes semânticas apresentadas pelas relações de parentesco e partes do corpo. Possuem relação com este grupo porque são donos de características que pertencem a alguém em toda e qualquer circunstância.

Encontramos algumas construções onomatopaicas nos dados, todas originadas dos sons de animais, assim como há no português e em outras línguas do mundo.

No pequeno vocabulário ofayé-português é possível encontrar os neologismos e as onomatopéias, organizados em ordem alfabética. Optamos por deixar os prefixos de posse nos vocábulos, já que para listá-los separadamente teríamos que separar todos os prefixos e sufixos da língua, logo, não foi esse nosso interesse.

Este trabalho é uma pequena descrição de parte do léxico ofayé. Pelo aumento do interesse nas línguas indígenas faladas atualmente, a pesquisa servirá como fonte de pesquisa sobre uma língua indígena brasileira. Mais do que contribuir cientificamente, irá promover o aumento da auto-estima dos índios ofayé, já que acreditam que a sua língua é o que restou da tradição ofayé.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADELAAR, W. F. H. La Diversidad lingüística y la extinción de las lenguas. In: QUEIXALÓS, F.; RENAULT, Lescure (orgs.). *As línguas amazônicas hoje*. São Paulo: IRD/ISA/MPEG, 2000, p. 29-36.

ALVES, I. M. *O léxico do Tuparí*. (Tese em linguística). Araraquara: Universidade Estadual Paulista, 2004. Tese (Doutorado em Linguística).

BARBOSA, M. A. B. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia, Terminografia, Identidade Científica, Objeto, Métodos, Campos de atuação. In: *Anais do II Simpósio Latino-Americano de terminologia, I Encontro Brasileiro de Terminologia Técnico-Científica*. Brasília, CNPQ/IBICT.

\_\_\_\_\_. Contribuições ao estudo de aspectos da tipologia de obras lexicográficas. *Publicações da Comissão Especial de Terminologia ABNT*. São Paulo: USP, 1993.

\_\_\_\_\_. *Terminologias. Associação de Terminologia Portuguesa: TERMIP*.

BASILIO, M. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 1991.

BORBA, F. da S. *Organização de dicionários: Uma introdução à Lexicografia*. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

BIDERMAN, M. T. C. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: OLIVEIRA, Ana M. P. P de e ISQUERDO, Aparecida N. (orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande/MS: Editora da UFMS, 1989, pp. 129-149.

\_\_\_\_\_. *Conceito lingüístico de palavra*. UNESP: Araraquara, 1999.

\_\_\_\_\_. *Teoria lingüística*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BORGONHA, M. C.. *História e etnografia Ofayé: Estudo sobre um grupo indígena do Centro-Oeste brasileiro*. Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, 2006. Dissertação (Mestrado).

CERVONI, J. *A enunciação*. Trad. Garcia dos Santos. São Paulo: Ática, 1989.

DAPENA, J. A. P. *Manual de técnica lexicográfica*. Madrid: Arco/Libros, 2002.

DIK, S. C. *The Theory of functional Grammar*. Dordrecht-Holland/Providence RT – USA, 1989. Foris Publications

DUTRA, C. A. *O território Ofaié pelos caminhos da história: reencontro e trajetória de um povo*. Dourados: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2004. Dissertação (Mestrado em História).



FERREIRA, V. R. S. *Estudo lexical da língua Matis: Subsídios para um dicionário bilíngüe*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2005. Tese (Doutorado em Linguística).

GIRARDI, G. Metade das línguas do mundo corre risco de sumir, aponta estudo. *Folha de S. Paulo*, 2007. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult/306u329952.shtml>. Acesso em: 12 abr. 2009.

GORDON, R. G. Jr. (ed.) *Ethnologue: Languages of the world*. 15 th. Edition. Dallas, Tex: SIL, 2005.

GUDSCHINSKY, S. C. Ofaié-Xavante, a Jê Language. *Estudos sobre línguas e culturas indígenas*. Edição Especial. Summer Institute of Linguistics. Brasília. 1971.

\_\_\_\_\_. Fragmentos de Ofaié: a descrição de uma língua extinta. *Série Lingüística*. nº3. Brasília: Summer Institute of Linguistics (SIL), 1974. p. 177-249.

GUEDES, M. *II Encontro de Indigenismo, no IBILCE/UNESP*, Departamento de Linguística da FCL-UNESP/Araraquara-SP, 1989.

ISA: Instituto Socioambiental, 2005. Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/ofaie>, acesso em: 12 jan. 2009.

ILARI, R. *Dicionário de Linguagem e Lingüística*. São Paulo: Contexto, 2006.

ISQUERDO, Ap. N. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande, MS: UFMS, 2001.

ISQUERDO, Aparecida. N. Vocabulário do seringueiro: campo léxico da escrita. In: OLIVEIRA, Ana M. P. P de; ISQUERDO, Aparecida N. (orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande/MS: Editora da UFMS, 1989. p. 89-98.

JORDÃO, C. *Um terço das línguas está sumindo*. 2009. ISTO É. Disponível em: <http://www.terra.com.br/istoe/edicoes/2052/artigo127641-2.htm>, acesso em: 13 abr. 2009.

LEWIS, M. P. *Towards a categorization of endangerment of the world's languages*. SIL International, 2005.

MATTOSO CÂMARA Jr., J. *Introdução às línguas indígenas brasileiras*. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1977.

MATTOSO CÂMARA JR., J. *História e estrutura da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.

MOFFET, B. *National Geographic. Languages going extinct fastest in 5 regions around world: one language dies every 14 days*. Disponível em: [http://press.nationalgeographic.com/pressroom/index.jsp?pageID=pressReleases\\_detail&siteID=1&cid=1190293532544](http://press.nationalgeographic.com/pressroom/index.jsp?pageID=pressReleases_detail&siteID=1&cid=1190293532544). Acesso em: 25 abr. 2009.

MUNDURUKU, D. *Coisas de índio*. São Paulo: Callis, 2000.

NASCIMENTO, C. A. G. et al. *Escola ofayé e Iniêcheki*. Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul. Núcleo de Educação Escolar Indígena. Campo Grande, MS, 1996.

National Geographic. *Disappearing languages*. Disponível em: <http://www.nationalgeographic.com/mission/enduringvoices/>. Acesso em: 24 abr. 2009.

NEVEU, F. *Dicionário de ciências da linguagem*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

NEVES, M. H. de M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_. *Como as palavras se organizam em classes*. Universidade Presbiteriana Mackenzie/UNESP-Araraquara/CNPq.

NIMUENDAJÚ, C. Cartas das expedições aos Ofaié [1912]. In: GONÇALVES, M. (org). Curt Nimuendajú. *Etnografia e indigenismo: sobre os Kaingang, os Ofaié-Xavante e os índios do Pará*. Campinas: Unicamp, 1993 [1912]. P. 81-100. (Coleção Repertórios).

\_\_\_\_\_. *Idiomas indígenas del Brasil*. Tucumám, 1932.

OLIVEIRA, M. das D de. *Ofayé, a língua do povo do mel*. Fonologia e Gramática. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió. 2006. Tese (Doutorado em Letras e Linguística).

PAYNE, E. T. *Describing morphosyntax: A guide for a Field Linguists*. Cambridge, 1997.

PETTER, M. Linguagem, língua, lingüística. Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2008.

RIBEIRO, D. As etapas da integração [1957]. In: *Os índios e a civilização – A integração das populações indígenas no Brasil moderno*. 7. ed.. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

RODRIGUES, A. D. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

SEKI, L. A lingüística indígena no Brasil. *D.E.L.T.A.* Vol. 15, No. Especial. São Paulo, 2002, PUC. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44501999000300011](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000300011), acesso em 10 fev. 2009.

SILVA, M. E. B. Dicionário: memória lexical da sociedade. In: *Anais do Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Lingüísticos*. On line. Disponível em <[www.filologia.org.br:2000](http://www.filologia.org.br:2000)>. Acesso em 08 jan. 2006.

SILVA, G. F. da. *Construindo um dicionário Parakanã-português*. Belém: Universidade Federal do Pará. 2004. Dissertação (Mestrado em Letras - Linguística).

SILVA, L. H. T. da. Descrição fonológica do sistema vocálico da língua ofaié. *Inter Atividade. Revista Multidisciplinar de Pesquisas e Estudos Acadêmicos*. Adradina-SP, FIRB - Faculdades Integradas Rui Barbosa, v. 2, n° 1, jan-jun. 2002., p. 100-114.

SOUZA, M. O povo Ofaié: uma breve abordagem lingüística. *Terra Indígena, Centro de Estudos Indígenas*, UNESP, Araraquara, Ano VIII, n° 58, jan/mar 1991.

UNESCO. *Convención para la salvaguardia del patrimonio cultural inmaterial*. Paris, 2003.

SHOPEN, T. *Language Typology and synyactic Description*. Cambridge University Press, New York, 2007.

\_\_\_\_\_. *Salvaguardar las lenguas en peligro*. 2009. Disponível em: <<http://www.unesco.org/culture/ich/index.php?pg=00136>>. Acesso em: 08 abr. 2009.

\_\_\_\_\_. Ad Hoc Expert Group on Endangered Languages. *Language Vitality and Endangerment: By Way of Introduction*. s.d. acesso em: 10 jun. 2009.

ULLMANN, S. *Semántica*. Introducción a la ciencia del significado. Madrid: 1964.

ZGUSTA, L. *Manual of Lexicography*. Paris: Mouton, 1971.

WEISS, H. E. *Para um dicionário da língua Kayabí*. São Paulo: Universidade de São Paulo. 1998. Tese (Doutorado em Linguística).

WELKER, H. A. *Dicionários: Uma pequena introdução à Lexicografia*. Brasília: Editora Thesaurus, 2004.

WOLF, L., HAENSCH, G., ETTINGER, S., WERNER, R. La Lexicografia de la linguística teórica a La lexicografia práctica. Madrid: Gredos, 1982. 260-328.